

GUIA DE ESTUDOS

VIII SIMULA SANFRA



COMITÊ DE SEGURANÇA DAS

NAÇÕES UNIDAS

Conflito Israel-Iraniano: Da busca por influência
à luta armada

Sumário

1. CARTA DE APRESENTAÇÃO.....	4
2. SOBRE A SIMULAÇÃO.....	5
3. ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS.....	6
4. CSNU – CONSELHO DE SEGURANÇA DAS NAÇÕES UNIDAS.....	8
5. INTRODUÇÃO.....	9
6. CONTEXTO HISTÓRICO.....	11
6.1. CRIAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL.....	12
6.2. GOLPE DE ESTADO IRANIANO.....	15
6.3. GUERRA DOS SEIS DIAS.....	17
6.4. REVOLUÇÃO ISLÂMICA.....	18
6.5. GUERRA DO IRÃ-IRAQUE.....	21
6.6. GUERRA CÍVIL LIBANESA.....	23
6.7. GUERRA CIVIL SÍRIA.....	26
6.8. CONFLITO ISRAELO-PALESTINO.....	28
7. PROGRAMA NUCLEAR.....	29
7.1. PROJETO AMAD.....	30
7.2. ACORDO NUCLEAR (DE 2015).....	31
8. FORÇAS PARAMILITARES OU TERRORISTAS.....	32
8.2 HEZBOLLAH.....	32
8.3 HOUTHIS.....	33
9.1 VÍRUS STUXNET.....	34
9.2 INTENSIFICAÇÃO DA SUA DEFESA CIBERNÉTICA.....	35
9.3 ATAQUES CIBERNÉTICOS A MEIOS DE DISTRIBUIÇÃO.....	36
10. ESCALADA DO CONFLITO.....	36
10.1. FINANCIAMENTO DO IRÃ PARA GRUPOS TERRORISTAS.....	37
10.2. ATAQUES AO PROGRAMA NUCLEAR IRANIANO.....	38
10.3. ATAQUES DOS ESTADOS UNIDOS.....	38
10.4. SITUAÇÃO ATUAL.....	39
11. POSIÇÕES OFICIAIS.....	40
11.1. POSIÇÃO OFICIAL DA ONU.....	40
11.2. PAÍSES PERMANENTES (P5).....	40
11.3. PAÍSES ROTATÓRIOS (ISRAEL, IRÃ + P10).....	46
11.4. PAÍSES OBSERVADORES.....	58
12. DOCUMENTO DE POSICIONAMENTO OFICIAL (DPO).....	63
12.1. INSTRUÇÕES.....	64
12.2. FORMATAÇÃO DO DOCUMENTO.....	64
12.3. MODELO DE DPO.....	65
13. PROPOSTA DE RESOLUÇÃO.....	66
13.1. ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO.....	66
13.2. FORMATAÇÃO DA PROPOSTA DE RESOLUÇÃO.....	68
14. BIBLIOGRAFIA.....	68

15. FONTES RECOMENDADAS PARA ESTUDO.....	73
---	-----------

1. CARTA DE APRESENTAÇÃO

Caros Delegados,

A Simula Sanfra é um evento muito prestigiado por todo o Colégio São Francisco Xavier, sendo feito de alunos para alunos e é com muita honra e gratificação que retomamos esse projeto em 2025, tentando aperfeiçoá-lo a cada edição. Assim, apresentamos aos senhores delegados, o Guia de Estudos do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU).

Este guia é um meio de um estudo que nós, como mesa diretora, fornecemos aos senhores para que possam se aprofundar no tema da simulação e, com isso, tornar os debates dinâmicos e proveitosos. Neste documento apresentamos uma contextualização do conflito Israel-Iraniano.

Para os senhores delegados, o guia funciona como uma base para o entendimento do conflito, entretanto é de suma importância que os senhores expandam suas pesquisas e conhecimentos para além do que o guia possui. A fim de enriquecer as discussões com novas informações e pontos de vista, sempre de maneira respeitosa, soberana e de acordo com os Direitos Humanos. É importante ressaltar, que essa mesa não tolerará condutas desrespeitosas e atos anti diplomáticos.

Na Simula Sanfra, buscamos proporcionar uma vivência única, especial e distinta das experiências habituais do ambiente escolar. Este projeto permite que todos os envolvidos mergulhem em uma atmosfera de debate, abordando temas contemporâneos que integram o panorama global ao qual estamos conectados. Além disso, é uma oportunidade para encarar novos desafios, ampliar conhecimentos e manifestar opiniões de forma harmoniosa, por meio do diálogo, pois somente com maior diálogo conseguimos intervir nos impasses e questões que circulam em nossa sociedade.

Essa iniciativa só se tornou viável graças à dedicação de cada um de vocês, delegados, fotógrafos, jornalistas, chargistas, editores, membros do staff, entre outros. Por isso, expressamos nossa gratidão pela participação, pelo tempo dedicado e pela disposição em contribuir para que a Simula Sanfra seja extraordinária e perpetuar seu legado. Desejamos que desfrutem de um período

produtivo de estudos e que possam tirar o máximo proveito dos dias de debate, que certamente estarão repletos de boas risadas, momentos memoráveis, novas amizades e experiências enriquecedoras.

Nós, como mesa diretora do Conselho de Segurança das Nações Unidas, estamos à disposição dos senhores delegados e agradecemos mais uma vez por confiarem e prestigiarem nosso trabalho. Sejam bem-vindos à VIII Simula Sanfra!

Com muito carinho

Mesa Diretora,

Pedro Henrique Lima e Gabriela Mendes.

2. SOBRE A SIMULAÇÃO

As simulações dos comitês da Organização das Nações Unidas (ONU) ocorrem a anos em colégios da Rede Jesuíta do país e do mundo. Seu principal objetivo é trazer um ambiente diplomático aos alunos, no qual eles serão apresentados às políticas internacionais e administrativas que ocorrem na atualidade. A fim de transmitir essa realidade aos participantes, o CSNU é uma conferência simulada, no qual os participantes, denominados delegados, atuam nos processos políticos e sociais dos países que representam, visando estratégias e modos de negociação para solucionar os conflitos.

Esse projeto permite que os estudantes conheçam a fundo os dilemas da sociedade, tendo uma experiência única com o mundo diplomático, uma vez que estarão diante de grandes e verdadeiras questões internacionais. Além disso, os delegados poderão desenvolver sua oratória, interagir com participantes de diversos anos e mostrar as visões de suas delegações de uma forma nova e prática.

A proposta do encontro é transformar as simulações de conferências da ONU, conhecidas como Modelos das Nações Unidas (MUN), em comunidades de transformação social e mobilizá-las em prol de ações de nível local. A ideia é incentivar a todos – vocês, delegados, e membros dos demais comitês – a promover

a diplomacia nos lugares onde vivem, canalizando o potencial das simulações para a resolução de problemas que permeiam a nossa comunidade.

A Simula Sanfra, sediada no Colégio São Francisco Xavier, apresenta esse ano sua oitava edição, trazendo como tema central o conflito Israel-Iraniano: Da busca por influência à luta armada, conta com alunos do 1º ano do E.M. ao 3º ano do E.M. para compor o comitê. A simulação ocorrerá em três dias: quinta-feira (02/10) no período tarde/noite, sexta-feira (03/10) o dia inteiro e sábado (04/10) no período da manhã/ tarde. Os delegados devem resolver a agenda, solucionar os impasses do conflito durante a reunião e apresentar suas conclusões em um documento oficial (P.R.) aprovado por todos os países votantes, ao final da simulação.

Prezamos por um ambiente democrático durante o período da simulação e ressaltamos a importância do respeito com a mesa diretora, demais delegados, membros do comitê de imprensa internacional e staffs, pois todos participamos do evento com a finalidade de agregar conhecimento, desenvolver habilidades e nos divertir, qualquer manifestação de desrespeito percebida pela mesa não será admitida, e a pessoa responsável estará sujeita às medidas que a mesa julgar mais adequadas. O espírito de trabalho em grupo e o reconhecimento da importância de ouvir diversas opiniões (iguais ou contraditórias) são elementos fundamentais em projetos como este. Não haveria mudanças se não houvesse divergências de opiniões, contudo a efetividade e realização dessas alterações se embasam na prática do diálogo.

Esperamos despertar o espírito do projeto e que possam aproveitar cada momento da VIII edição do Simula Sanfra. Contamos com vocês para tornarem essa edição ainda mais especial, deixando boas lembranças e memórias nas vidas de cada um de vocês. Desejamos a todos um bom estudo e esperamos os senhores e senhoras na Simulação!

3. ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

A Organização das Nações Unidas (ONU) corresponde a uma organização internacional a qual reúne países voluntariamente com a intenção de promover a paz, a cooperação e o desenvolvimento mundial. Foi criada oficialmente após a

Segunda Guerra Mundial, no dia 24 de outubro de 1945, por meio do documento de fundação conhecido como Carta das Nações Unidas.



A motivação para a sua criação está relacionada com os conflitos internacionais que destruíram diversos territórios e vitimaram milhares de pessoas, trazendo, assim, à tona a necessidade de buscar a paz entre as nações. O nome dado a ela foi concebido pelo presidente Franklin Roosevelt e utilizado pela primeira vez na Declaração das Nações Unidas, ainda no período de guerra.

A ONU tem o poder de discutir e tomar medidas necessárias para questões enfrentadas pela sociedade, como a questão da paz mundial, as mudanças climáticas, o desenvolvimento sustentável, os direitos humanos, o desarmamento, o terrorismo, a igualdade de gênero, a produção de alimentos, as emergências de saúde, etc.

A sede encontra-se nos Estados Unidos, em Nova Iorque, sendo considerada um território internacional. No entanto, há outras sedes em demais localidades do mundo, como na Suíça, Áustria, Beirute, Santiago, entre outras. A ONU possui uma bandeira própria, bem como correios e selos postais. Os idiomas oficiais que permitem que todos os membros possam estabelecer comunicação são seis: inglês, francês, espanhol, árabe, chinês e russo.



Bandeira da Organização das Nações Unidas (ONU)

No período de fundação, a organização contava com 51 Estados-membros e, atualmente, é composta por 193 Estados-membros, que têm seu trabalho guiado pelos propósitos e princípios contidos na Carta fundadora. Esse documento retrata as expectativas e propósito da organização para com os povos e governos, além de prever suas metas e missões.

A ONU evoluiu ao longo dos anos para acompanhar um mundo em rápida mudança. Entretanto, uma coisa permaneceu a mesma: continua sendo o único lugar na Terra onde todas as nações do mundo podem se reunir, discutir problemas comuns e encontrar soluções compartilhadas que beneficiem toda a humanidade.

4. CSNU – CONSELHO DE SEGURANÇA DAS NAÇÕES UNIDAS



O Conselho de Segurança das Nações Unidas tem como principal responsabilidade a manutenção da paz e segurança internacionais. Ele é composto por 15 delegados votantes e é o único órgão da ONU que tem poder decisório, ou seja, todos os Estados-membros devem aceitar e cumprir as resoluções do comitê.

O Conselho de Segurança assume a liderança na determinação da existência de uma ameaça à paz ou ao ato de agressão, convoca as partes a uma disputa

para acomodá-la por meios pacíficos e recomenda à imposição ou mesmo autorizar o uso da força para manter ou restaurar a paz e a segurança internacionais.

O CSNU é formado por cinco membros permanentes, que são os ganhadores da Segunda Guerra Mundial: Estados Unidos, China, França, Rússia e Reino Unido e dez rotativos, que são escolhidos pela Assembleia Geral, tendo como principal requisito a constituição para a manutenção da paz e segurança internacional. Ademais, a eleição rotativa ocorre a cada dois anos, respeitando uma distribuição geográfica equitativa, o que significa que todos os continentes estarão representados no Conselho.

"Artigo 24"

1. A fim de assegurar pronta e eficaz ação por parte das Nações Unidas, seus membros conferem ao Conselho de Segurança a principal responsabilidade na manutenção da paz e da segurança internacionais e concordam em que no cumprimento dos deveres impostos por essa responsabilidade o Conselho de Segurança aja em nome deles.

2. No cumprimento desses deveres, o Conselho de Segurança agirá de acordo com os Propósitos e Princípios das Nações Unidas. As atribuições específicas do Conselho de Segurança para o cumprimento desses deveres estão enumeradas nos Capítulos VI, VII, VIII e XII.

3. O Conselho de Segurança submeterá relatórios anuais e, quando necessário, especiais à Assembleia Geral para sua consideração.

5. INTRODUÇÃO

O Estado de Israel, está localizado no Oriente Médio ao longo da costa oriental do mar Mediterrâneo, sendo uma democracia parlamentar, ou seja, é liderada por um primeiro-ministro, desde dezembro de 2022 o cargo de primeiro-ministro israelense é ocupado por Benjamin Netanyahu.

O país faz fronteira com o Líbano ao norte, com a Síria a nordeste, com a Jordânia e a Cisjordânia a leste, com o Egito e a Faixa de Gaza ao sudoeste, e com

o golfo de Aqaba, no mar Vermelho, ao sul. É importante ressaltar que Israel é um país com uma pequena extensão territorial, sendo possível atravessar o país em aproximadamente 40 minutos com um avião. O Estado de Israel é definido também de “Estado Judeu e Democrático” com Leis Básicas e é o único país com maioria judia em todo o globo.



(Mapa do Estado de Israel)

Em 70 d.C., os judeus foram expulsos das terras que formavam o Reino de Israel pelo Império Romano. Por volta do ano 130 d.C., os judeus tentaram retomar o território, mas foram derrotados novamente, voltando a habitar essa área depois de dois milênios, em 1947, com a criação do Estado de Israel.

A República Islâmica do Irã, está localizado no Oriente Médio, entre o Mar Cáspio e o Golfo Pérsico, sendo uma República Islâmica Teocrática, ou seja, é liderada por um líder supremo e possui suas leis ligadas a fundamentos religiosos, no caso do Irã, fundamentos mulçumanos. Desde 1989, o cargo de líder supremo iraniano é ocupado por Ali Khamenei.

A República Islâmica do Irã, também reconhecida como Irã, passou a ter esse nome desde 1935, anteriormente chamado de “Pérsia”, o nome é derivado do antigo Império Persa, criado em 530 a.C. No entanto, a história moderna do Irã, como um Estado-nação, começou a se consolidar no século XX.



(Mapa do Irã)

O Irã faz fronteira com o Turcomenistão, Afeganistão e Paquistão ao leste, com o Iraque e a Turquia a oeste e com o Azerbaijão e Armênia ao norte. A geografia do Irã é um dos principais motivos para o país ter sido isolado durante boa parte de sua história, tendo cadeias de montanhas que atravessam seu território de leste a oeste, o que dificulta a invasão territorial do país também.

A República Islâmica do Irã é o único país de todos os países muçulmanos que é oficialmente um Estado xiita. Dentro da religião muçulmana as duas principais vertentes, os sunitas, os quais acreditam que a liderança do Islã deve ser escolhida pela comunidade, enquanto os xiitas defendem que o sucessor legítimo de Maomé deveria ser um descendente direto, de sua filha Fatima e seu genro Ali, que seria o legítimo sucessor do profeta.

6. CONTEXTO HISTÓRICO

O conflito Israel-iraniano é um conflito extremamente complexo, que não se resume aos ataques recentes de ambos os países. Para o entendimento do conflito, o contexto histórico é fundamental, já que a disputa remonta desde a criação de um Estado de Israel, em 1947, que é ligado ao antigo Reino de Israel e também se liga ao antigo Império Persa.

Para compreender a criação do Estado de Israel é necessário passar por três fatores determinantes para a criação do país na década de 40, a expulsão e diáspora do povo judeu; o Holocausto e a Segunda Guerra Mundial e a criação e expansão do movimento sionista é para o entendimento sobre o atual Irã é necessário compreender as raízes dele que datam do antigo Império Persa, esses assuntos serão abordados em futuros tópicos.

6.1. CRIAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL

Como dito no tópico anterior, a criação de um Estado de Israel é um assunto com raízes muito antigas que não pode ser compreendido de maneira simples. O antigo Reino de Israel, existiu durante o que conhecemos como a Idade do Ferro, ou seja, aproximadamente 1030 a.C. até 930 a.C. Sendo um reino extremamente forte e influente, com a liderança do Rei Salomão, que foi capaz de diversos avanços para a sociedade de seu reino como por exemplo a criação do Primeiro Templo, ou comumente conhecido como Templo de Salomão.



(Primeiro Templo ou Templo de Salomão)

Após a morte do Rei Salomão o reino se dividiu em Norte e Sul, o Norte sendo Israel, com a capital sendo Samaria e o Sul sendo Judá, com a capital sendo Jerusalém, onde residia o Templo de Salomão. Em 586 a.C. o Reino de Judá foi invadido e tomado pelo Império Babilônico, resultando no que conhecemos como Cativo da Babilônia, onde o povo judeu foi expulso de sua terra pelos babilônios, que não só invadiram seu território como destruíram monumentos importantes como o Templo de Salomão.

Anos depois o Império Persa, liderado por Ciro, conquistou o Império Babilônico, essa conquista ajudou o povo judeu a voltar para sua antiga terra, já que Ciro, em 538 a.C. permitiu a volta à Judá e a reconstrução do Templo de Salomão, que agora passaria a ser reconhecido como Segundo Templo, esse período seria considerado de paz e prosperidade, que ajudou no desenvolvimento da religião judaica.



(Segundo Templo)

O Segundo Templo existiu até o ano 70 d.C., sendo destruído pelo Império Romano, no que foi conhecido como Primeira Guerra Judaico-Romana. Com a destruição do templo e a vitória romana, a população judaica foi se dispersando pelo território romano, tal evento sendo conhecido como diáspora. O povo judeu foi se alocando por todo Império Romano principalmente pela Europa, em países como o Reino Unido e na Europa Centro-Oriental.

Já consolidado na Europa, o povo judeu que agora estava disperso em diversos país, principalmente no Reino Unido, como a família Rothschild, uma dinastia bancária judia alemã. Começaram a organizar o movimento sionista, graças a Theodor Herzl, como um movimento político que buscava retomar a terra prometida de Israel, atual Israel e Palestina, desde a diáspora o pensamento judaico de voltar para a sua terra “prometida” era algo constantemente disceminado entre a comunidade judaica, entretanto esse pensamento começou a ser organizado e espalhado mais avidamente durante a contemporaniedade, graças aos pensamentos que estavam sendo criados na Europa.

No século XIX, a Europa tornou-se o berço de diversas ideologias racistas e extremistas, sendo o nazismo a mais conhecida, que defendia a crença na

superioridade da raça ariana e responsabilizava os judeus por problemas sociais, como a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial. Essa ideologia ganhou força na Alemanha, que tinha uma grande população judaica, e se espalhou pela Europa. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Holocausto resultou no genocídio de aproximadamente seis milhões de judeus, além de outros grupos como ciganos, poloneses, comunistas, homossexuais, prisioneiros soviéticos, Testemunhas de Jeová e deficientes físicos e mentais, perpetrado pelos nazistas.

O Partido Nazista, liderado por Adolf Hitler, chegou ao poder em 1933 e implementou leis discriminatórias, como as Leis de Nuremberg de 1935, que restringiam os direitos dos judeus e os excluía da cidadania alemã. A violência contra os judeus aumentou com eventos como a Noite dos Cristais (Kristallnacht) em 1938, que resultou em ataques a lares e sinagogas, além da prisão de milhares de judeus. Com a invasão da Polônia em setembro de 1939, os nazistas intensificaram suas ações de extermínio, levando a uma tragédia sem precedentes na história da humanidade.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a derrota da Alemanha em 1945, a criação do Estado de Israel ganhou apoio internacional. A Palestina ainda estava sob domínio britânico, apesar da Declaração de Balfour feita em 1917, que consistia na garantia da criação de um Estado-nação para o povo judeu, os britânicos tentaram bloquear a imigração de judeus europeus, enquanto grupos como a Haganah começaram a tomar medidas para estabelecer a independência de Israel.

Em 1947, a ONU propôs a Resolução 181, que dividia a Palestina em 55% para o Estado judeu de Israel e 45% para o Estado muçulmano da Palestina, apesar de a população palestina ser três vezes maior. Os judeus aceitaram a proposta, mas os palestinos a rejeitaram, levando a um aumento das tensões na região.

Em 14 de maio de 1948, Israel declarou sua independência, mas no dia seguinte, o exército da Liga Árabe, composto por países como Egito, Jordânia, Síria, Líbano e Iraque, invadiu o novo estado para impedir sua consolidação, entretanto foi derrotada em 1949. Durante os anos de 1947 e 1949, mais da metade da população palestina foi expulsa de suas casas, um período que ficou conhecido como Al Nakba, ou "a catástrofe".

6.2. GOLPE DE ESTADO IRANIANO

A República Islâmica do Irã ou Irã, possui uma das histórias mais antigas e ricas dos países do Oriente Médio, sendo um descendente do Império Persa, passando a ser chamado de Pérsia, até o ano de 1935, no qual o governo do Reza Xá Pahlavi, mudou o nome para Irã. Reza Pahlavi queria modernizar o país e promover um senso de identidade nacional. Assim, ele solicitou que os países estrangeiros comesçassem a usar o nome "Irã" em vez de "Pérsia". Desde então, "Irã" se tornou o nome oficial do país em contextos internacionais.

Durante os anos de 1925 até 1989, o Irã foi governado por uma monarquia, onde o Xá era o monarca do país. De 1925 a 1941 o posto de Xá foi ocupado por Reza Xá Pahlavi, importante oficial militar da Brigada Cossaca Persa, antes de se tornar monarca, sendo sucedido pelo seu filho Mohammed Reza Pahlavi, que governou até 1979.



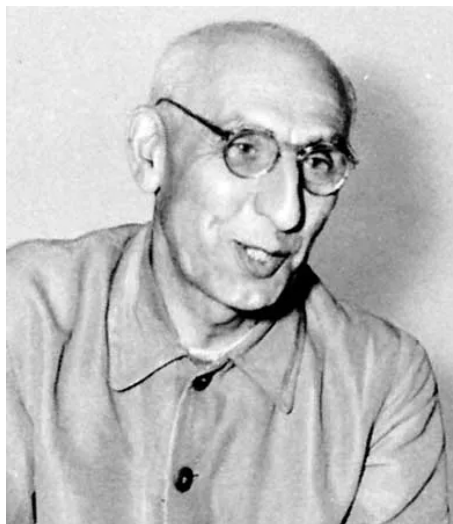
(Mohammad Reza Pahlavi)

Em 1953, o governo iraniano passou por um golpe de estado financiado pelos Estados Unidos e pelo Reino Unido, o golpe de estado tinha como objetivo retirar o atual primeiro-ministro Mohammad Mossadegh, que possuía ideias contrárias a do governo britânico e colocar o monarca Mohammad Reza Pahlavi como a principal figura política novamente.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a fim de diminuir a influência da Alemanha Nazista e proteger uma rota vital de abastecimento da sua aliada, União Soviética, o Reino Unido ocupou o que era conhecido na época como Pérsia, atual Irã, e começou pesquisas para a extração de petróleo na área, mesmo após a guerra, o Reino Unido manteve controle sob o petróleo iraniano, por meio da criação da Anglo-Iranian Oil Company.

O primeiro-ministro da época, Mohammad Mossadegh, tinha um pensamento contrário ao que o Xá possuía, enquanto Mohammed Reza Pahlavi queria modernizar o país e promover um senso de identidade nacional muito influenciado pelo estilo de vida ocidental. O primeiro-ministro também valorizava os ideais nacionalistas a fim de promover um senso de identidade nacional, sendo assim uma das suas medidas que foram votadas no parlamento iraniano da época foi a nacionalização da indústria petrolífera do país.

À vista disso, o Reino Unido, vendo seus interesses ameaçados, embarcou em uma campanha secreta para enfraquecer e desestabilizar Mossadegh. As primeiras tentativas britânicas foram pressionar o atual Xá, entretanto não causou nenhuma mudança, não querendo assumir a responsabilidade sozinha os britânicos pediram auxílio para os estadunidenses que viam Mossadegh como um potencial comunista, o que nunca foi comprovado, resultando numa ação coordenada e secreta de ambos países.



(Mohammad Mossadegh)

Agentes financiados pela CIA foram usados para fomentar a agitação dentro do Irã por meio do assédio a líderes religiosos e políticos e de uma campanha de

desinformação na mídia, operação que foi conhecida como “Operação Ajax”, resultando na prisão de Mohammad Mossadegh e na volta de Mohammad Reza Pahlavi como principal figura política do país novamente. Muitos historiadores consideram o golpe de estado de 1953 como precursor do que conheceríamos futuramente como Revolução Islâmica.

6.3. GUERRA DOS SEIS DIAS

A Guerra dos Seis Dias foi um dos diversos conflitos entre árabes e israelenses causado por uma questão territorial. Para o entendimento do conflito é necessário atentar-se que a criação de Israel, foi angariada por um movimento nacionalista judaico que desejava a criação de um estado nacional para judeus em sua terra prometida, atual Israel e Palestina. O grande problema é que essa terra já estava ocupada por árabes palestinos, que foram expulsos dela para a criação do Estado de Israel.

A tensão entre os árabes e israelenses sempre foi grande, tendo se tornado maior nas décadas de 60 até 70, tendo seu auge em 1967 e 1973, nas datas que ficaram conhecidas como Guerra dos Seis Dias e Guerra do Yom Kippur. Alguns anos após a criação do Estado de Israel e seu reconhecimento pela ONU, o país já tinha alguns inimigos na região, que desgostaram da criação do país e da expulsão da população árabe local.

A Liga Árabe, organização que busca fortalecer e coordenar os programas políticos, culturais, econômicos e sociais de seus membros e mediar disputas entre eles ou entre eles e terceiros, realizou sua segunda conferência em Cairo, em 1964, onde os países por meio de uma declaração deixaram claro que um dos seus objetivos principais era a destruição do Estado de Israel. A organização era composta por diversos países como o Egito, Síria, Jordânia e Iraque, os quais concordaram com a declaração citada.

A tensão continuou aumentando com os países da liga árabe financiando organizações que atacavam diretamente Israel, percebendo um possível ataque coordenado dos países árabes, em 1967, o Estado de Israel iniciou uma guerra-relâmpago, que foi considerada a guerra mais rápida que aconteceu no Oriente Médio até hoje. Em 6 dias, Israel anexou ao seu território a Península do Sinai, a Faixa de Gaza, a Cisjordânia, Jerusalém e as Colinas de Golã.



(Território da Palestina e de Israel)

Essa guerra foi um fator determinante para a futura Guerra do Yom Kippur e também contribuiu para uma radicalização de grupos islâmicos e a formação de uma nova dinâmica política do Oriente Médio, resultando no que conhecemos também como Revolução Islâmica. Vale ressaltar que a Guerra dos Seis Dias criou uma hostilidade entre os países muçumanos e Israel.

6.4. REVOLUÇÃO ISLÂMICA

A Revolução Iraniana de 1979 foi um dos eventos mais importantes não só para o Irã como para a história do Oriente Médio, com a queda da monarquia secular do xá Mohammad Reza Pahlavi e a ascensão de uma república islâmica liderada pelo aiatolá Ruhollah Khomeini. Esse ideal de revolução se dispersou e se infiltrou em diversos outros países do Oriente Médio.

Desde 1935, o Irã era governado pelo xá Reza Pahlavi, um aliado próximo dos Estados Unidos e defensor de reformas modernizantes, como a "Revolução Branca". Essas medidas incluíam a redistribuição de terras, a expansão dos direitos das mulheres, com o afrouxamento de medidas teocráticas como o uso do hijab e a industrialização acelerada. Apesar da revolução ter afetado positivamente a economia iraniana, de imediato, com a Crise do Petróleo, em 1973, o país sofreu com a alta inflação e uma estagnação do poder de compra do povo iraniano.



(Mulheres votando no Irã, após a Revolução Branca)

O governo, que já sofria com descontentamento público, por ser autocrático, foi sustentado principalmente pela polícia secreta (a SAVAK), que reprimiu brutalmente a oposição. Apesar do crescimento econômico, a desigualdade social, a ocidentalização forçada e o regime autocrático geraram descontentamento entre setores tradicionais da sociedade, especialmente o clero xiita e as classes mais baixas e religiosas da sociedade.

Em 1964, o xá Reza Pahlavi, exilou um importante religioso e acadêmico do Irã, Aiatolá Ruhollah Khomeini, por se manifestar duramente contra o recente programa de reforma do xá. Khomeini abandonou seu objetivo de reduzir a autoridade e o poder dos ulemás xiitas (eruditos religiosos) e argumentou que, com a ajuda dos ulemás, o xá poderia ser derrubado, assim unindo forças para um início de uma revolta que resultaria em uma revolução.



(Aiatolá Khomeini)

Com a ajuda interna, as mensagens revolucionárias feitas por Aiatolá Khomeini foram disseminadas por todo o Irã principalmente pelos migrantes vindos das partes rurais. As mensagens eram críticas à dependência do xá aos EUA, seus laços com Israel, país que estava envolvido em guerras e invasões a estados árabes predominantemente muçulmanos e as políticas econômicas mal pensadas de seu regime.

Em janeiro de 1978, o país se encontrava em um momento crítico com mais da metade da população insatisfeita, jovens iranianos começaram uma série de protestos, que foram respondidos com repressão pelo governo, que estava cada vez mais enfraquecido, com o xá sofrendo com um câncer.

Os protestos aumentavam a cada mês, chegando no seu pico na segunda semana do mês de setembro, no dia 8, que foi conhecido como Sexta Feira Negra, no qual aconteceu um dos maiores protestos com a Praça Jaleh, na capital do Irã, sendo ocupada inteiramente por manifestantes, que exigiam a retirada do xá Reza Pahlevi, o regime impôs a lei marcial e as tropas abriram fogo contra manifestantes, matando dezenas ou centenas. Semanas depois, os trabalhadores iranianos, desde os petroleiros até os funcionários do governo, estavam em greve.



(Protesto durante a Revolução Islâmica)

Diante do caos do país, Reza Pahlavi, foi embarcado em uma viagem para os Estados Unidos com o propósito, de supostamente, realizar um tratamento para seu câncer, deixando assim seu primeiro-ministro no poder. Com o país em estado crítico, o primeiro-ministro não conseguiu trazer estabilidade, fazendo com que os protestos continuassem. Com multidões de mais de um milhão de pessoas em

Teerã, comprovando o amplo apelo de Khomeini, que chegou ao Irã em meio a uma grande festa em 1º de fevereiro. Dez dias depois, em 11 de fevereiro, às forças armadas do Irã declararam sua neutralidade, efetivamente expulsando o regime do xá.

Depois de uma revolução com maioria esmagadora a favor, Khomeini e os clérigos tomaram medidas para consolidar seu poder, excluindo aliados ocidentais, revogando leis progressistas, como as que protegiam a família, e impondo valores religiosos conservadores por meio de comitês revolucionários e da Guarda Revolucionária, uma milícia religiosa informal formada por Khomeini para impedir outro golpe apoiado pela CIA, como nos tempos de Mossadegh. Esse ambiente repressivo culminou com a crise dos reféns em novembro, quando manifestantes invadiram a Embaixada dos EUA em Teerã, exigindo a extradição do xá, reforçando o discurso antiocidental do novo regime.

Assim que completa a revolução, o Irã rapidamente cortou suas relações com Israel, que até então eram cordiais, e passou a adotar uma política de resistência contra o Estado israelense, até mesmo apoiando grupos que se opõem a ele, o que intensificou as tensões na região. A revolução serviu de inspiração para outras nações do Oriente Médio, sendo o Irã patrocinador de outras revoluções como a sua em outros países, como será abordado em próximos tópicos do guia.

6.5. GUERRA DO IRÃ-IRAQUE

Após a Revolução Iraniana, o atual líder supremo, aiatolá Khomeini, começou a fazer uma série de discursos e a apoiar outras revoluções fundamentadas na religião xiita, uma delas sendo o patrocínio iraniano em manifestações no Iraque, a fim de retirar o líder do Iraque na época, Saddam Hussein e colocar um líder xiita no poder, já que Saddam começou a exigir o controle sobre uma terra fronteiriça chamada Shatt al-Arab. O Iraque assim como o Irã é um país mulçumano, entretanto diferente do Irã, possui uma maioria sunita e um governo fundamentado nessa vertente da religião. Essa divergência entre as religiões era vista com maus olhos pelo líder supremo iraniano.

Com a contínua interferência iraniana dentro do território iraquiano, e a percepção de que a atual força militar iraquiana não tinha menor capacidade de vencer o Irã numa possível guerra, graças aos armamentos comprados dos EUA

durante o regime de xá Reza Pahlavi. O líder iraquiano pediu apoio das nações ocidentais, que não possuíam mais laços diplomáticos com o atual Irã como os EUA, França e URSS, o apoio não veio de maneira gratuita, entretanto países como os EUA começaram a vender arsenais militares para o país. Com isso o exército iraquiano podia se comparar ou até mesmo ser melhor do que o iraniano.

Em 1980, o Iraque lançou uma ofensiva contra o território iraniano, que apesar de ter sido bem sucedida, foi seguida de uma ofensiva do Irã no território iraquiano, que foi responsável por destruir boa parte do arsenal aéreo iraquiano, o que deu início a Guerra Irã-Iraque ou também conhecida como Guerra do Golfo Pérsico. A guerra não teve muitos avanços territoriais, sendo muitas vezes uma guerra de tomada e retomada de território, entretanto é importante salientar a entrada das nações ocidentais no conflito, com países como a França vendendo fertilizantes e produtos químicos que seriam utilizados para a confecção de armas químicas.



(Soldado durante a Guerra Irã-Iraque, após o começo dos usos de armas químicas)

Apesar de não ter muito apoio, somente de países como a URSS, que reabastecer o arsenal militar iraniano no meio da guerra, o Irã conseguiu sustentar uma guerra com seus arsenais militares antigos e irreparáveis, muito graças a Guarda Revolucionária Islâmica (GRI), que emergiu como uma segunda força militar do governo e foi responsável pela retomada de diversos territórios, a Guarda é utilizada até hoje como um dos principais órgãos militares do líder supremo.

Ambos países começaram a guerra com o pensamento de que seria uma guerra rápida, entretanto isso não se mostrou verdade tendo durado oito anos, próximo ao meio da guerra ambos os países começaram a obrigar a entrada dos

jovens na guerra, o que gerou descontentamento por parte da população. Próximo ao ano de 1988, a população iraniana não apoiava mais a permanência da guerra, tendo acontecido manifestações que foram contidas pela Guarda Revolucionária Islâmica.



(Soldados iraquianos perto do fim da guerra)

No ano de 1988, foi realizada a última investida iraniana sobre o território iraquiano, que não foi bem sucedida e como resposta o Iraque realizou sua também última investida, que por sua vez foi bem sucedida, entretanto ambas investidas não resultaram em nada, já que este mesmo órgão, criou uma resolução que foi aceita por ambos os lados, onde constava o retorno das fronteiras anteriores a guerra e o fim do conflito entre os países. Ambas as nações muçulmanas saíram prejudicadas da guerra com uma quantia de mortos que ultrapassa um milhão e com suas economias destruídas.

A Guerra do Golfo Pérsico demonstra até o hoje a capacidade iraniana de influenciar os países a sua volta, apesar de não ter dado resultados satisfatórios para o país xiita, ela demonstrou que este por sua vez era sem dúvida um país com muita influência regional e importante para a geopolítica mundial. A guerra também foi responsável pelo estreitamento dos laços diplomáticos entre Israel e EUA e a maior presença dos estadunidenses no Oriente Médio.

6.6. GUERRA CÍVIL LIBANESA

O Líbano é um país do Oriente Médio, com uma população diversificada, apesar de maioria xiita, como o Irã, parte da população é sunita e católica maronita. O país faz fronteira com Israel ao sul, Síria ao norte e com um pequeno território jordano no sudeste. A Guerra Civil Libanesa foi um conflito devastador que refletiu o

colapso do Estado libanês e a sociedade dividida libanesa. A guerra tinha ao todo 4 protagonistas, as milícias cristãs como as Falanges Libanesas e a Frente Libanesa, que representavam a elite católica tradicional; o Movimento Nacional Libanês (LNM), uma coalizão de muçulmanos sunitas e grupos de esquerda, apoiada pela OLP; e dois grupos paramilitares xiitas, que surgiram no decorrer da guerra, apoiados pelo Irã, o Movimento Amal e o Hezbollah. A guerra atraiu potências externas como Síria, Israel e os Estados Unidos, principalmente Israel que entrou a fim de combater a presença da OLP no Líbano, que realizava ataques contra o território israelense.



(Mapa do Líbano e região)

Para entender a Guerra Civil do Líbano é necessário compreender dois elementos: o desequilíbrio político-religioso do Pacto Nacional de 1943, que consistia numa divisão dos cargos do país entre muçulmanos e católicos, e o crescente número de imigrantes palestinos e combatentes da OLP, dentro do território libanes. A OLP é uma organização política reconhecida pela ONU que luta pela liberdade do povo palestino e a criação do seu Estado-nação, baseados nas fronteiras do Acordo de Oslo.

A guerra civil começou em abril de 1975 com um ataque a um ônibus de militantes palestinos, mas rapidamente se transformou em um conflito multifacetado, com os quatro protagonistas brigando pelo controle do Líbano. Durante o conflito, surgiram grupos armados que moldaram o futuro do país. O mais notável foi o

Hezbollah, fundado em 1985 com apoio iraniano para resistir à ocupação israelense no sul do Líbano. A guerra também levou à expulsão da OLP do Líbano e à ocupação síria, que duraria até 2005.



(Soldados durante a Guerra Cível Libanesa)

O conflito terminou oficialmente com o Acordo de Taif em 1989, que redistribuiu o poder político entre as comunidades religiosas e marcou o fim da guerra com a remoção do general Michel Aoun da liderança do Exército Libanes, em 1990. Apesar da reconstrução liderada por figuras como Rafic Hariri, importante primeiro-ministro libanês do ano 2000 até 2004, o Líbano continuou marcado por divisões sectárias, conflitos e tensões entre diferentes grupos religiosos ou ideológicos, e instabilidade política.

A Guerra Cível do Líbano foi um dos primeiros conflitos em que Israel enfrentou diretamente um grupo paramilitar patrocinado pelo Irã, no caso o Hezbollah. O Hezbollah com o tempo se tornou um partido político, sendo um dos partidos mais influentes no Líbano, o que fez com que o Líbano entrasse em conflitos com Israel mais vezes como em 2006 ou no atual conflito Israelo-Palestino, em que o Hezbollah realizou ataques coordenados com o Hamas para enfraquecer Israel.



(Soldados do Hezbollah)

6.7. GUERRA CIVIL SÍRIA

A Síria é um país muçulmano do Oriente Médio com uma população predominantemente sunita. Ela faz fronteira com a Turquia ao norte, o Iraque ao leste, a Jordânia ao sul e Israel e Líbano ao sudoeste. Até 2024, a Síria vivia numa ditadura, regida pela família al-Assad, desde o ano de 1970, tendo fim ano passado com o fim da guerra civil e a implementação de um novo governo. A família al-Assad deu início a sua ditadura com o golpe de estado de Hafez al-Assad, em 1970 até 2024. O governo da Síria era passado de pai para filho, sendo o penúltimo presidente al-Assad, antes do fim da guerra civil, Bashar al-Assad, o filho de Hafez.



(Mapa da Síria - Foto Bashar al-Assad)

Para o entendimento da Guerra Civil Síria é necessário passar por 3 tópicos: os aliados do governo, os opositores e os aliados dos opositores. Mesmo sendo um país com maioria sunita, a Síria tinha boas relações com o Irã, que ao ajudar a Síria perpetuava mais sua influência dentro do Oriente Médio, ou seja, a relação entre os dois era uma via de mão dupla, entretanto o governo de al-Assad não tinha somente um aliado, o país do Médio Oriente era parceiro de outros países como a Rússia e o Líbano. Apesar de ter grandes aliados o governo sirio possuía muita oposição dentro do país, com boa parte da população insatisfeita com o atual governo e suas medidas conservadoras e tendo grupos terroristas e paramilitares dentro do próprio território contra o governo como o Exército Nacional Sírio, Ahrar al-Sham e o Estado

Islâmico, alguns desses grupos eram patrocinados por nações do ocidente como os EUA e por nações do próprio Oriente Médio como a Árabia Saudita.

A Guerra Civil Síria começou em 2011, graças a uma combinação de fatores sociais, políticos e econômicos. O país vinha enfrentando uma das piores secas de sua história desde 2006, exacerbando as desigualdades que já existiam sob o regime autoritário de Bashar al-Assad. Inspirados pela Primavera Árabe, que foi um conjunto de manifestações populares, revoltas e protestos que ocorreram em diversos países do Oriente Médio e do Norte da África a partir de 2010. Os manifestantes, opositores do regime de Bashar al-Assad, saíram às ruas exigindo reformas e o fim da repressão do Estado. O estopim ocorreu em Daraa, quando estudantes foram presos e torturados por protestarem contra o governo, provocando indignação nacional e protestos em cidades como Damasco, capital da Síria e Aleppo.

A resposta do regime foi brutal: as forças de segurança reprimiram brutalmente os protestos, o que levou ao surgimento de uma oposição armada, como o Exército Livre da Síria, formado por civis e desertores. O conflito rapidamente se tornou internacional, com o regime recebendo apoio da Rússia, do Irã e do Hezbollah, enquanto os grupos rebeldes eram apoiados por países como os EUA, a Turquia e a Arábia Saudita. Extremistas como o Estado Islâmico também se aproveitaram do caos para expandir suas atividades.

Até 2024, a Síria era um único país, dividido de forma implícita, sendo uma parte dominada pelo Estado Islâmico, outra pelos rebeldes como o Exército Livre da Síria e outro pelo governo de al-Assad, entretanto tudo mudou com o início do conflito de Israel e da Palestina, já que organizações como o Hezbollah que auxiliavam na permanência da família al-Assad no poder, passaram a auxiliar o Hamas na luta contra Israel. À vista disso, as forças contrárias, viram como um momento oportuno começar uma ofensiva a fim de retirar Bashar al-Assad do poder.

Em dezembro de 2024, o presidente vendo que não conseguiria manter-se no poder, embarcou em um avião de Damasco para Moscou a fim de se abrigar politicamente, assim deixando a capital vulnerável, resultando na tomada de grande parte do território e da capital Damasco, pelo grupo rebelde sírio, HTS, que já foi filiado à Al-Qaeda e agora é o principal grupo rebelde no país.

A mudança de liderança foi benéfica para países como Israel, já que sem a presença de Bashar al-Assad, que era um forte aliado do Irã, o país xiita perdeu um

dos seus principais aliados contra Israel e muita da sua influência no Médio Oriente. Para o Irã o fim do regime al-Assad é péssimo já que sem a presença dele, o país perdeu um de seus principais aliados numa possível futura guerra contra Israel.

6.8. CONFLITO ISRAELO-PALESTINO

O conflito israelo-palestino é um conflito que não se resume a uma luta por território e sim uma luta por valorização étnica e reconhecimento. O conflito tem suas raízes extremamente antigas, já que desde a criação de Israel, em 1947, a região, na qual já abrigou e segue abrigando judeus e palestinos, está em caos e manchada de sangue.

Como já citado anteriormente neste guia, diversas organizações foram criadas para reclamar o direito palestino de ter seu Estado-nação, como a OLP, que apesar de iniciar sendo uma organização paramilitar tornou-se uma organização política, porém ao mesmo tempo que existem organizações que se tornaram pacíficas e diplomaticas, há organizações que buscam não só a criação de um Estado Palestino como também o fim do Estado de Israel, como o Hamas, que é financiado pelo Irã.

O Hamas surgiu depois do que ficou conhecido como Primeira Intifada, rebelião popular palestina na Faixa de Gaza e Cisjordânia, em 1987. Após a criação do Hamas, os confrontos com Israel se tornaram mais agressivos com a ajuda de outros grupos paramilitares como o Hezbollah, ambos grupos sendo financiados pelo Irã resultando num grande arsenal militar para ambos os grupos.

Durante o que foi reconhecido como Segunda Intifada, o Hamas conseguiu um feito extremamente importante para a futura escalada do conflito, a tomada da Faixa de Gaza pelo grupo, sendo assim o território dominado pelo grupo paramilitar. O conflito entre Israel e o Hamas se intensificou em 2021 com ações de despejo de famílias palestinas do bairro Sheikh Jarrah, em Jerusalém Ocidental, onde a polícia israelense usou força contra os palestinos, gerando tensões durante o mês sagrado do Ramadã.

O Hamas, em resposta, lançou um ultimato a Israel para retirar suas forças da área, o que não ocorreu, levando o grupo a disparar mais de mil foguetes contra Israel, resultando em mortes e feridos em ambos os lados. Israel retaliou com bombardeios que destruíram edifícios residenciais, incluindo escritórios da

Associated Press e da Al Jazeera, causando a morte de 212 palestinos e ferindo mais de mil, enquanto do lado israelense houve 10 mortos e 560 feridos. O conflito gerou apelos internacionais por um cessar-fogo, com entidades de direitos humanos destacando a desproporcionalidade da força militar entre Israel e o Hamas.

Os ataques do Hamas foram se intensificando desde 2021, tendo seu auge em 7 de outubro de 2023, quando o conflito entrou numa escala diferente, resultando em milhares de mortos e uma crise humanitária sem precedentes na Faixa de Gaza. Após meses de confrontos, foi alcançado um acordo de cessar-fogo entre as partes, mediado pelo Catar, com o objetivo de interromper temporariamente os combates e permitir a libertação de reféns em poder do Hamas.

Com anos de constante luta, é de se imaginar que o poderio bélico do Hamas não é mais o mesmo, contribuindo para com o cessar-fogo, entretanto o armistício permanente não foi concordado pelos países. Com a escalada do conflito entre Israel e Irã, esse armistício com certeza será atrasado até o momento em que uma das partes sair beneficiada com o acordo.

A situação interna de Israel é algo que precisa ser observado, já que após anos de conflito com o Hamas, o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu enfrenta crescente pressão política. Há análises que sugerem que a continuidade da guerra pode ter servido como uma estratégia para evitar sua deposição, já que o prolongamento do conflito fortalece sua posição diante de setores mais conservadores da sociedade israelense e desvia o foco de investigações e críticas internas à sua liderança.

7. PROGRAMA NUCLEAR

Para a compreensão do programa nuclear iraniano é necessário entender que o programa não é algo recente e sim teve início na década de 1950, com apoio dos Estados Unidos, como parte do programa “Átomos para a Paz”, voltado ao uso civil da energia nuclear. O Irã buscava desenvolver infraestrutura para geração de energia elétrica, pesquisa científica e aplicações médicas. Com o tempo, o país investiu em usinas nucleares, como a de Bushehr, e em centros de pesquisa voltados ao enriquecimento de urânio e à produção de radioisótopos para uso médico e industrial.

Apesar das tensões internacionais, o Irã sempre afirmou que seu programa nuclear tem fins exclusivamente pacíficos e está em conformidade com o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), do qual é signatário, o tratado tem como objetivo impedir a disseminação de armas nucleares e tecnologia de armas, promover a cooperação no uso pacífico da energia nuclear e promover o objetivo de alcançar o desarmamento nuclear e o desarmamento geral e completo. O país submeteu suas instalações à fiscalização da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), embora tenha havido momentos de atrito quanto ao grau de transparência e cooperação com os inspetores internacionais.

O programa nuclear iraniano começou a ter mais incentivo recentemente durante a década de 90 até os anos 2000, é importante salientar que, de acordo com declarações do próprio Irã, o país não possui nenhuma ogiva nuclear, entretanto as forças de espionagem de outros países como Israel duvidam dessas declarações, assim como você verá ao decorrer deste guia.

7.1. PROJETO AMAD

O Projeto AMAD foi um programa secreto iraniano, entre os anos de 1989 a 2003, que tinha como objetivo principal desenvolver armas nucleares. Embora o governo iraniano negue oficialmente a existência de tal programa, documentos obtidos por agências de inteligência e investigações, indicam que o programa buscava construir ogivas nucleares compatíveis com mísseis balísticos.

O projeto estava sob a liderança do físico Mohsen Fakhrizadeh, assassinado em 2020, em uma rede de centros de pesquisa disfarçados como instituições civis. Em 2015, a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), relatou que o Irã produziu conhecimentos relevantes sobre armas nucleares até 2003, e algumas pesquisas continuaram, porém não podem avançar além de estudos de viabilidade e aquisição de competências técnicas.

Em 2018, o serviço secreto israelense, Mossad, realizou uma operação cinematográfica em Teerã, invadindo um armazém secreto e extraindo documentos relacionados ao Projeto AMAD. O então primeiro-ministro Benjamin Netanyahu apresentou os arquivos ao mundo, alegando que o Irã havia mentido sobre a natureza pacífica de seu programa nuclear.

Embora o projeto esteja oficialmente encerrado, muitas nações acreditam que o Irã tenha preservado todos os resultados, e venha usando em outras áreas. O caso alimenta a desconfiança internacional e foi um dos principais motivos para a retirada dos EUA do acordo nuclear (JCPOA) em 2018.

7.2. ACORDO NUCLEAR (DE 2015)

Em 2015, um acordo nuclear entre o Irã e com o grupo P5+1 (EUA, Reino Unido, França, Rússia, China e Alemanha), este foi firmado em julho de 2015, sendo formalmente conhecido como Plano de Ação Integral Conjunto (JCPOA). O tratado limitava o nível de enriquecimento de urânio e reduzia o número de centrífugas em troca da suspensão de sanções econômicas. A AIEA confirmou que o Irã cumpriu suas obrigações iniciais, e o acordo foi transformado na Resolução 2231 do Conselho de Segurança da ONU.

O tratado vinha sendo seguido por ambas as partes, entretanto em 2018, após a retirada dos Estados Unidos do JCPOA, durante o governo Trump, o Irã retomou gradualmente suas atividades nucleares, alegando retaliação às sanções e ataques sofridos. A Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) relatou que o país passou a enriquecer urânio a níveis próximos ao grau militar, o que gerou alarme internacional.

Em 2025, foi apresentada ao Irã uma nova proposta para um acordo. A proposta exige que os Estados Unidos fortaleçam seu controle sobre o programa nuclear do Irã e imponha exigências mais rigorosas sobre os níveis de enriquecimento de urânio e o número de centrífugas em operação. No entanto, o Irã enfatiza que seu programa nuclear é inteiramente para fins pacíficos e não aceitará condições que coloquem em risco sua soberania tecnológica.

O líder supremo do Irã, Ayatollah Ali Khamenei, reagiu fortemente às exigências dos EUA, chamando-as de “ultrajantes” e alertando que qualquer ação hostil levará a “contra-ataques”. Apesar da situação tensa, as negociações continuam com o objetivo de restaurar um equilíbrio que permita ao Irã manter seu programa nuclear civil sob supervisão internacional e, ao mesmo tempo, aliviar as sanções sobre sua economia.

8. FORÇAS PARAMILITARES OU TERRORISTAS

Para iniciar discussões sobre forças paramilitares ou terroristas, primeiro precisamos saber diferenciá-los. Forças paramilitares são organizações que agem semelhantes às forças armadas, porém atuam fora do controle direto do Estado, muitas vezes em atividades ilegais ou com objetivos políticos específicos.

Grupos terroristas, por outro lado, são grupos de sua maioria xiitas, que têm como foco principal alcançar objetivos políticos, religiosos ou ideológicos. Eles normalmente utilizam da violência – com ataques e ameaças – para forçar uma mudança ou promover suas causas.

8.1 HAMAS

O Hamas é um grupo islâmico palestino, que surgiu em 1987, após a Primeira Intifada. O grupo está bem misturado com a política, tanto que desde 2007 governa a Faixa de Gaza, entretanto o grupo não controla o Estado Palestino e não tem um representante dentro desse comitê.

É considerado uma organização terrorista por países como os Estados Unidos, Israel e a União Europeia, mas também é visto por muitos palestinos como um movimento de resistência contra a ocupação israelense.

8.2 HEZBOLLAH

Hezbollah ou “Partido de Deus”, é um grupo xiita libanês, fundado em 1982, com o apoio da Síria e Irã, em resposta à invasão israelense no território. Atua como um partido político com forte presença no parlamento libanês e possui um braço armado significativo, que já entrou em conflito com Israel diversas vezes.

É também considerado organização terrorista por países como os EUA, Israel e membros da União Europeia. Ao mesmo tempo, muitos libaneses o veem como uma força de resistência contra ocupações estrangeiras e uma instituição com peso social relevante.

8.3 HOUTHIS

Houthis, oficialmente conhecido como Ansar Allah, é um grupo religioso e político xiita zaidita originado no norte do Iêmen. Surgiu nos anos 1990 como um grupo de oposição ao governo iemenita e cresceu em influência durante as instabilidades políticas da Primavera Árabe.

Em 2014, o grupo tomou a capital Sana'a e provocou uma guerra civil que ainda persiste. Assim como os outros grupos, os Houthis são vistos por seus aliados como resistência legítima, enquanto diversos países os classificam como terroristas por seus métodos e alianças.

8.4 FATAH

O Fatah é um movimento político palestino fundado em 1959 por Yasser Arafat e outros líderes exilados, com o objetivo de promover a causa nacional palestina e resistir à ocupação israelense. Inicialmente atuou como grupo guerrilheiro, realizando operações armadas que lhe renderam destaque dentro da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), da qual se tornou a principal força.

Nos anos 1990, com os Acordos de Oslo, o Fatah passou por uma transição para a política institucional, liderando a recém-formada Autoridade Nacional Palestina (ANP). Sob a liderança de Mahmoud Abbas, o grupo passou a administrar partes da Cisjordânia e a buscar negociações diplomáticas com Israel.

Desde então, o Fatah permanece como ator central na política palestina, defendendo uma solução pacífica baseada na coexistência de dois Estados. Apesar dos inúmeros impasses no processo de paz, da concorrência com o Hamas e de críticas internas sobre sua atuação, o grupo continua a ser reconhecido internacionalmente como representante legítimo da causa palestina, especialmente através de sua liderança na OLP.

9. GUERRA CIBERNÉTICA

A Guerra Cibernética entre Israel e Irã é um dos conflitos mais complexos da geopolítica atual. Esta guerra começou, documentadamente, em 2009/2010 com o surgimento do Vírus Stuxnet, supostamente desenvolvido por Israel e Estados

Unidos em uma operação conjunta entre os serviços de inteligência das duas nações. Foi o primeiro ataque cibernético da história a causar danos físicos reais, e é amplamente considerado o marco inicial da militarização do ciberespaço entre os dois países.

Israel vem se destacando como uma grande potência tecnológica que investe pesadamente em estratégias de inteligência e contra-ataques. Já o Irã, mesmo com as sanções e limitações tecnológicas, conseguiu desenvolver capacidades cibernéticas, com grupos como APT33 e APT34.

Ambas as nações utilizam o ciberespaço como um instrumento intimidação. O Irã, com um histórico de ataques a lugares de utilidade pública, com a ajuda de grupos cibernéticos financiados pelo regime, utiliza o ciberespaço para compensar seu poder militar convencional inferior, graças ao enfraquecimento de seus aliados, promovendo a desestabilização regional e obtendo inteligência.

Israel, por sua vez, tem um histórico de ataques políticos. A nação busca impedir o avanço nuclear iraniano por meios digitais, enfraquecendo capacidades militares e evitando guerras abertas, sendo apoiado abertamente pelos Estados Unidos com tecnologias e armamentos.

Essa guerra está totalmente ligada à rivalidade política e ideológica entre os dois países, sobretudo em relação ao programa nuclear iraniano, que vem evoluindo cada vez mais com o tempo, e à influência regional no Oriente Médio.

9.1 VÍRUS STUXNET

Como mencionado anteriormente, o surgimento do Vírus Stuxnet marcou o início documentado do conflito cibernético entre Israel e Irã. Esse malware foi supostamente criado por Israel e pelos Estados Unidos em uma operação conjunta entre o sistema de inteligência dos dois países, não somente na intenção de espionar e roubar dados, mas também para destruir fisicamente equipamentos industriais.

O Stuxnet foi projetado especificamente para causar falhas em centrífugas de enriquecimento de urânio, enquanto fornece leituras normais aos seus operadores,

dificultando a detecção de falhas. Em 2010, ele danificou os sistemas de controle industrial na instalação de enriquecimento de material nuclear de Natanz, no Irã.

O vírus foi o primeiro caso conhecido publicamente em que uma operação cibernética causou danos físicos em um ambiente de teste controlado. Após sua descoberta, governos e especialistas em segurança digital passaram a reconhecer o potencial de armas cibernéticas capazes de comprometer infraestruturas críticas sem o uso de armamentos convencionais.

Desde então as duas nações vêm se desenvolvendo cada vez mais nesse meio, aumentando as tensões cibernéticas entre eles. Muitas vezes, eles se intimidam através de ataques de espionagem, campanhas de desinformação e tentativas de sabotagem, com a ajuda de grupos como APT33, APT34, APT35, Predatory Sparrow, etc.

9.2 INTENSIFICAÇÃO DA SUA DEFESA CIBERNÉTICA

Logo após o Stuxnet, Israel e Irã intensificaram suas defesas cibernéticas. Em 2011, Israel já tinha desenvolvido o National Cyber Bureau (NCB), que tem o objetivo de formular a política nacional de cibersegurança e coordenar os esforços do país para proteger suas infraestruturas críticas contra ameaças cibernéticas. Ele atuava diretamente sob o Gabinete do Primeiro-Ministro e foi uma das primeiras iniciativas governamentais do mundo a tratar a cibersegurança como uma questão estratégica de Estado.

Em seguida, entre 2013-2015, O Estado Israelense desenvolveu e consolidou sua estrutura com a Direção Nacional de Cibersegurança de Israel (Israel National Cyber Directorate - INCD), que é o órgão governamental responsável por proteger o ciberespaço nacional e por fortalecer o poder cibernético do país. Com esses avanços cibernéticos, muitos países começaram a ver Israel como um país mais atrativo para se ter relações, principalmente pelos seus avanços tecnológicos em espionagem.

Durante o mesmo período, o Irã investiu fortemente em grupos de espionagem cibernética, como APT33 e APT34, mencionados anteriormente. O grupo APT33, também conhecido como Elfin ou HOLMIUM, está ativo desde 2013 com foco nos setores aeroespacial e energético. Esse grupo já realizou campanhas

de phishing com temas de recrutamento, visando empresas da Arábia Saudita, EUA e Coreia do Sul.

A APT34, também conhecida como OilRig ou Helix Kittena, está ativa desde 2014, sendo criada um ano depois da APT33, é especializada em espionagem contra governos e bancos no Oriente Médio.

9.3 ATAQUES CIBERNÉTICOS A MEIOS DE DISTRIBUIÇÃO

Diferente de conflitos armados tradicionais, os ataques cibernéticos a meios de distribuição não causam diretamente problemas humanitários, porém deixam pequenos colapsos por todo o país, como filas em postos de gasolina, caixas eletrônicos fora do ar, hospitais sem acesso a prontuários, e cidades inteiras sem energia ou internet. Essa guerra digital entre Israel e Irã mostra como o ciberespaço se tornou um campo de batalha tão real quanto qualquer fronteira física.

Nos últimos anos, grupos como o Predatory Sparrow, amplamente associado a interesses israelenses, têm conduzido ataques cibernéticos contra infraestruturas iranianas. Como o ataque na Siderúrgica Khuzestan (2021), que fez com que aço derretido jorrasse no chão da usina e provocasse incêndios. Uma coisa que chamou atenção foi esse acontecimento ter sido fora do horário de pico, que evitou vítimas e fez com que as suspeitas sobre o grupo seguir um protocolo governamental/ militar só aumentasse.

O Irã, por sua vez, também tem investido em operações cibernéticas ofensivas, muitas vezes por meio de grupos como APT34 e APT35, ligados à Guarda Revolucionária Islâmica, com o objetivo de causar interrupções operacionais e pânico social. Como o Ataque ao Sistema de Água e Saneamento (2022), quando o grupo Cyber Av3ngers foi acusado de tentar invadir sistemas SCADA (controle industrial) de instalações de água e saneamento em Israel. Esses ataques visavam causar interrupções no abastecimento e minar a confiança pública.

10. ESCALADA DO CONFLITO

A disputa entre Irã e Israel não é algo recente, como muitos pensam. A história entre as duas nações é marcada por uma longa trajetória de inimizades ideológicas, geopolíticas e militares que atravessam gerações. Desde a Revolução

Islâmica de 1979, o Irã passou a adotar uma postura de hostilidade explícita ao Estado de Israel, o que deu início a uma série de choques indiretos.

Esses embates vêm evoluindo ao longo das décadas por meio de guerras por procuração, sabotagens e assassinatos seletivos, até se transformar, nos dias atuais, em um confronto com potencial de expansão regional.

10.1. FINANCIAMENTO DO IRÃ PARA GRUPOS TERRORISTAS

Durante as décadas de 1980 e 1990, o Irã consolidou sua estratégia de domínio regional por meio do financiamento e do apoio a grupos considerados terroristas por vários países. Esse período coincidiu com a ascensão da República Islâmica, após a Revolução de 1979, liderada pelo aiatolá Khomeini, que adotou uma política externa centrada na exportação da revolução islâmica e no enfrentamento direto de rivais como Israel, Estados Unidos e monarquias árabes sunitas.

Desde então, o Irã tem sido amplamente acusado por governos e organizações internacionais de ser um dos principais patrocinadores de grupos armados como o Hezbollah, no Líbano, e o Hamas, na Faixa de Gaza.

Com o enfraquecimento militar, financeiro e/ou político de grupos como o Hezbollah, Hamas e os Houthis, o Irã está perdendo seu meio de pressão indireta sobre seus rivais. Esses grupos não estatais, funcionam como “forças armadas”, possibilitando o Estado Iraniano de colocar certo poder e terror sem se envolver diretamente nos conflitos, como na Guerra Civil da Síria.

Quando esses grupos enfrentam sanções internacionais, cortes de financiamento, perdas territoriais ou quedas de população local, o alcance estratégico do Irã diminui, o país perde sua capacidade de intimidação indireta, e ainda causa certo impacto interno, fazendo com que a população critique e/ou fique infeliz com a situação. Ou seja, enfraquecer essas organizações, é de certa forma, enfraquecer o poder iraniano sobre outras nações durante esses conflitos.

10.2. ATAQUES AO PROGRAMA NUCLEAR IRANIANO

Em julho de 2020, uma explosão atingiu um galpão em construção no complexo nuclear de Natanz, principal usina de enriquecimento de urânio. O Irã declarou o incidente como sabotagem e apontou o serviço de inteligência israelense, Mossad, como responsável.

Em abril de 2021, aconteceu outro ataque, desta vez um blecaute causado por explosão, danificou o sistema elétrico da instalação subterrânea, afetando milhares de centrífugas usadas no enriquecimento de urânio. Israel não confirmou nem negou envolvimento, mas rastros de inteligência ocidentais atribuíram a ação ao país.

Outro evento que marcou esses ataques, foi o assassinato do principal cientista programa nuclear militar iraniano, Mohsen Fakhrizadeh, em novembro de 2020. Este homicídio aconteceu em Teerã, na capital do Estado iraniano, com uma metralhadora controlada remotamente nos arredores da capital. O Irã acusou Israel de estar por trás do assassinato, porém o país nunca declarou uma resposta oficial. Diversas fontes apontam envolvimento de inteligências ocidentais, sendo o Mossad um dos principais suspeitos.

10.3. ATAQUES DOS ESTADOS UNIDOS

No dia 21 de junho de 2025, os Estados Unidos enviaram mísseis para o território iraniano, tendo como principais alvos as usinas Isfahan, Natanz e Fordow – sendo as duas últimas as mais importantes para o Estado Iraniano. Segundo o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, sua intenção com os ataques foi “a destruição do programa de enriquecimento de urânio e um freio à ameaça nuclear imposta pelo maior Estado financiador do terrorismo no mundo”. O presidente também declarou “Haverá paz ou uma tragédia maior do que a que o Irã tem visto nos últimos dias”.

O Irã solicitou uma reunião de urgência no Conselho de Segurança. Na carta enviada ao órgão, o embaixador iraniano na ONU, Amir Saeid Iravani, declarou que houve “grave ameaça à paz e à segurança regional e internacional decorrente do

uso ilegal da força pelos Estados Unidos”. O embaixador também declarou que o conselho deve condenar as ofensivas norte-americanas.

Depois da ofensiva dos Estados Unidos, o Irã voltou a atacar Israel. Segundo dados da FDI, o país lançou mísseis contra o território israelense. Durante esses ataques, os militares mantiveram contato com a população através de publicações no Telegram, avisando sobre o que estava acontecendo e para se manterem em um lugar seguro até novo aviso.

Além dos ataques já realizados, o Irã ameaçou retaliar não apenas contra Israel, mas também contra tropas americanas estacionadas em países como Iraque, Bahrein e Kuwait, além de sinalizar com o possível fechamento do estratégico Estreito de Ormuz. Tais ameaças não afetam somente Israel, o Iraque, onde estão localizadas importantes bases militares dos Estados Unidos, também se torna diretamente vulnerável. A Europa, por sua vez, pode sofrer impactos severos com a ausência do Estreito de Ormuz.

10.4. SITUAÇÃO ATUAL

O conflito entre Israel e Irã atingiu um novo patamar de gravidade em junho de 2025, com ataques diretos entre as duas nações. Em 13 de junho, Israel lançou a operação “Leão Ascendente”, bombardeando instalações nucleares e militares no Irã, incluindo a usina de Natanz e centros de comando em Teerã. O Irã respondeu com mísseis balísticos e drones contra cidades israelenses como Tel Aviv, Haifa e Jerusalém. Os ataques causaram dezenas de mortes e destruição em áreas civis de ambos os lados.

Dentre os alvos de Israel, estavam incluídos grandes comandantes iranianos, cientistas nucleares e o chefe da Guarda Revolucionária que foram mortos nos ataques israelenses. Israel também atacou a emissora estatal iraniana durante uma transmissão ao vivo. O presidente dos EUA, Donald Trump, sinalizou possível envolvimento militar e exigiu rendição incondicional do Irã. A União Europeia tenta mediar um cessar-fogo, mas sem sucesso até agora.

Apesar de recente, esse conflito já provocou um aumento nos preços do petróleo, aumentou a volatilidade nos mercados e vem gerando temores de uma guerra maior no Oriente Médio.

11. POSIÇÕES OFICIAIS

Neste tópico do guia iremos direcionar de forma básica a posição dos países, entretanto é de suma importância que os senhores delegados não se prendam ao que for dito nesse tópico, ou seja, pesquisem sobre a política interna e externa de seu designado país, os seus aliados e rivais, as alianças que possui com outros países do Conselho e etc. Expandem as pesquisas de vocês o máximo que puderem para que os debates fiquem mais enriquecidos.

11.1. POSIÇÃO OFICIAL DA ONU

A Organização das Nações Unidas mantém uma posição neutra e transparente com o conflito Israel-Iraniano, sendo necessário o fim deste conflito o mais rápido possível, já que como solicitado pelo secretário-geral da ONU, António Guterres, “máxima contenção”. Pois o conflito entre essas duas potências pode ser o precursor de uma futura guerra regional e talvez até mesmo uma guerra mundial.

A Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), chefiada por Rafael Mariano Grossi, classificou como preocupantes os ataques israelenses às instalações nucleares iranianas, ocorridos às vésperas de uma reunião entre Irã e EUA em Omã. A AIEA reforçou a importância da cooperação do Irã com o Acordo Nuclear de 2015.

Rafael Grossi reiterou que instalações nucleares jamais devem ser atacadas, devido aos riscos à população e ao meio ambiente. Os bombardeios teriam matado o chefe da Guarda Revolucionária iraniana e cientistas nucleares, este ataque foi respondido com um lançamento de 100 drones contra Israel.

11.2. PAÍSES PERMANENTES (P5)

Os cinco membros permanentes são a força mais poderosa no Conselho de Segurança e a estabilidade global depende deles. Como sempre, o status do P5 é crucial para o andamento do debate, pois não só tem o poder de vetar qualquer resolução proposta, como também exerce enorme influência em questões globais. Portanto, se você representa um dos seguintes países, é importante ter um profundo conhecimento do poder diplomático que controla. Um bom membro

permanente pode usar seu poder para representar os interesses de seus aliados na discussão em outro nível, mesmo que não esteja diretamente envolvido nas questões.

Estados Unidos da América

Os Estados Unidos da América têm adotado uma postura de apoio a Israel, exigindo que o Irã abandone seu programa nuclear. Com as eleições de 2024, o país mudou drasticamente sua posição perante os conflitos no Oriente Médio. O novo presidente, Donald Trump, adotou uma nova postura sobre o Irã e sobre os acontecimentos recentes, realizando uma política de pressão máxima contra a nação, retomando sanções econômicas e exigindo o fim do programa de enriquecimento de urânio iraniano.

Apesar de inicialmente ter negado envolvimento direto nos ataques israelenses, o governo americano acabou por realizar bombardeios a três instalações nucleares iranianas, incluindo os centros de Fordow, Natanz e Isfahan. Essa ação marcou uma escalada significativa no conflito, com Trump afirmando que busca um “fim real”. Esse fim pode ser interpretado com o total fim do programa nuclear iraniano e o reconhecimento do Estado de Israel pelo Irã e não apenas um cessar-fogo.

A justificativa americana para os ataques está centrada na alegação de que o Irã estaria próximo de alcançar níveis de enriquecimento de urânio suficientes para a produção de armas nucleares, o que representa uma ameaça existencial para Israel e um risco global. O governo dos EUA também argumenta que os ataques visam impedir que o regime iraniano continue desenvolvendo capacidades militares que possam desestabilizar o Oriente Médio.

Após o ataque às instalações nucleares iranianas, Washington expressou preocupação com a possibilidade do Irã bloquear o Estreito de Ormuz, por onde passam cerca de 20% dos embarques globais de petróleo. O governo americano considera a ameaça direta à estabilidade energética global e à segurança regional e, portanto, mantém uma forte presença militar na região.

Autoridades americanas afirmaram que bloquear o estreito seria um "suicídio econômico" para o Irã e buscaram apoio da comunidade internacional, incluindo a China, para dissuadir o Irã. Os Estados Unidos também declararam estar

preparados para tomar medidas militares caso os fluxos comerciais sejam interrompidos.

Internamente, a decisão de Trump de intervir militarmente pode ter complicações políticas, já que contradiz sua retórica de evitar envolvimento em “guerras eternas”. Ainda assim, o presidente mantém uma base de apoio que vê a ação como necessária para proteger os interesses americanos e reforçar a aliança com Israel.

Em suma, a posição dos Estados Unidos no conflito Israel-Iraniana é marcada por uma postura agressiva, a fim de conter o avanço nuclear iraniano e o fortalecimento da aliança com Israel. No entanto, essa estratégia pode intensificar tensões regionais, dificultar soluções diplomáticas e gerar drásticos efeitos colaterais na geopolítica global.

Federação Russa

A Rússia mantém uma posição de mediadora no conflito entre Israel e Irã, expressando disposição para facilitar diálogos e soluções pacíficas. Embora seja aliada do Irã, Moscou está mantendo uma posição estratégica, ao mesmo tempo critica a falta de vontade de Israel em buscar uma resolução pacífica, essa posição complexa se deve ao conflito em que o país já está envolvido e perdura há mais de 3 anos.

Desde o início da escalada militar, Moscou tem reiterado que os bombardeios israelenses contra instalações nucleares e civis iranianas são “categoricamente inaceitáveis” e violam o direito internacional e a Carta da ONU. O Kremlin considera que tais ações não apenas ameaçam a paz regional, mas também comprometem os esforços diplomáticos em curso, como as negociações entre Teerã e Washington sobre o programa nuclear iraniano.

Ao mesmo tempo, a Rússia tem se oferecido para mediar o conflito, propondo inclusive soluções técnicas como o armazenamento de urânio iraniano em território russo, com o objetivo de reduzir tensões e garantir que o material seja usado exclusivamente para fins civis. Essa proposta, segundo o porta-voz Dmitry Peskov, permanece em discussão, embora a intensificação das hostilidades tenha dificultado sua implementação. O Kremlin também reconhece que os ataques

israelenses provocaram uma “consolidação significativa” da sociedade iraniana, o que pode tornar ainda mais complexa qualquer tentativa de negociação.

A Rússia afirma que a comunidade internacional não pode permanecer indiferente diante das “atrocidades” cometidas por Tel Aviv, que incluem ataques a cidades pacíficas e instalações de infraestrutura nuclear. Essa retórica reforça o alinhamento russo com Teerã, especialmente em um momento em que ambos os países enfrentam sanções e isolamento por parte do Ocidente.

No entanto, a Rússia também mantém uma postura pragmática. Embora condene os ataques e ofereça apoio diplomático ao Irã, evita envolvimento militar direto, buscando preservar sua influência regional e não se comprometer em um outro conflito de forma armada.

Em suma, a posição russa é de firme oposição à escalada militar promovida por Israel, defesa da soberania iraniana e disposição para atuar como mediadora. Ao mesmo tempo, Moscou busca preservar sua atual posição, evitando se comprometer com ações que possam ampliar o conflito ou prejudicar seus próprios interesses geopolíticos.

Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte

O Reino Unido tem apresentado uma posição muito cautelosa em relação ao conflito entre Israel e Irã, já que o país não está em seu melhor momento econômico nem político. Após os ataques israelenses às instalações nucleares iranianas, o governo britânico, liderado pelo primeiro-ministro Keir Starmer, anunciou o envio de jatos ao Oriente Médio como parte de um reforço militar emergencial. A medida foi apresentada como uma ação de contingência para proteger os interesses britânicos na região, sem confirmar apoio direto à ofensiva israelense.

O Reino Unido também se posicionou firmemente contra o desenvolvimento de armas nucleares pelo Irã. Durante reunião no Conselho de Segurança da ONU, a representante britânica Barbara Woodward declarou que o programa nuclear iraniano representa uma ameaça à segurança internacional e defendeu uma

solução diplomática para o impasse. Ela enfatizou que o momento exige desescalada e cooperação por parte do Irã, reiterando que o país não deve, sob nenhuma circunstância, possuir armas nucleares.

Em resposta às movimentações militares britânicas, o Irã ameaçou atacar bases do Reino Unido, França e Estados Unidos caso esses países impedissem sua retaliação contra Israel. A mídia estatal iraniana chegou a afirmar que um navio contratorpedeiro britânico foi interceptado pela Marinha iraniana no Golfo de Omã, o que elevou ainda mais a tensão entre as partes. Apesar das ameaças, o Reino Unido manteve sua postura de apoio à diplomacia, destacando que está em contato constante com seus aliados e com autoridades iranianas para buscar uma solução negociada.

Em suma, a posição do Reino Unido é de firme oposição à proliferação nuclear iraniana, apoio à segurança de Israel, e defesa de uma solução diplomática para o conflito. A escalada militar e as ameaças mútuas colocam Londres em uma posição delicada, exigindo habilidade diplomática para evitar envolvimento direto e preservar sua influência como potência mediadora no cenário internacional.

República Francesa

A França tem sido marcada por uma postura diplomática firme, equilibrando condenações com tentativas de mediação do conflito. O presidente Emmanuel Macron tem críticas em relação ao Irã, responsabilizando o país por desestabilizar o Oriente Médio ao apoiar grupos como Hamas, Hezbollah e Houthis, além de manter reféns franceses em seu território.

Macron também alertou o risco de o Irã adquirir armas nucleares, classificando essa possibilidade como uma ameaça à Europa e à estabilidade coletiva. Apesar disso, o líder francês tem se posicionado contra os bombardeios israelenses, pedindo o fim imediato das operações militares que, segundo ele, têm atingido alvos civis e energéticos sem relação direta com o programa nuclear iraniano, mostrando uma tentativa de pôr um fim no ciclo de tensões na área, que não é positivo para a economia das potências europeias como a França.

Em resposta à escalada do conflito, a França mobilizou meios militares no Oriente Médio para enfrentar ameaças iranianas, embora não tenha especificado quais foram utilizadas. Macron reafirmou o direito de Israel à autodefesa, mas destacou que esse direito não é incondicional, condenando ataques que violam o direito internacional e afetam populações civis.

O presidente também encarregou o ministro das Relações Exteriores, Jean-Noël Barrot, de lançar uma iniciativa diplomática europeia para promover a desescalada e buscar soluções negociadas para o conflito. Além disso, a França condenou os ataques israelenses à prisão iraniana de Evin, considerados uma violação grave dos direitos humanos e do direito internacional humanitário.

Em suma, a posição francesa é cautelosa já que combina um apoio à Israel, crítica à militarização excessiva e esforços concretos para restaurar o diálogo entre as partes envolvidas, a fim de trazer estabilidade na área e também uma certa estabilidade econômica para o país.

República Popular da China

A China tem adotado uma posição extremamente equilibrada, condenando os ataques israelenses e reforçando a defesa da soberania iraniana junto a sua possibilidade de contra atacar. O governo chinês, por meio do presidente Xi Jinping e do ministro das Relações Exteriores, Wang Yi, expressou profunda preocupação na escalada do conflito, condenando de forma categórica os ataques israelenses à soberania iraniana e à sua integridade territorial.

A China tem buscado se posicionar como uma potência estabilizadora, mantendo diálogo direto com os governos de Teerã e Tel Aviv. Wang Yi conversou separadamente com autoridades iranianas e israelenses, defendendo a resolução das diferenças por meio do diálogo e oferecendo apoio à retomada das negociações diplomáticas.

Essa abordagem reflete a estratégia chinesa de ampliar sua influência no Sul Global e fortalecer laços com países que enfrentam sanções ou isolamento por parte do Ocidente. A China, segundo notícias atuais por exemplo, é uma das

principais compradoras de petróleo iraniano, embora esse comércio seja frequentemente ocultado em seus dados oficiais.

Além disso, Pequim tem alertado para os riscos de uma guerra generalizada, especialmente diante da possibilidade de envolvimento direto dos Estados Unidos. O governo chinês pediu a países com influência sobre Israel a assumirem responsabilidade e tomarem medidas concretas para conter o conflito. Essa crítica velada aos EUA reforça a visão chinesa de que Washington é uma fonte de instabilidade no Oriente Médio.

Apesar da retórica firme, especialistas apontam que a influência da China como mediadora ainda é limitada. Embora tenha facilitado a aproximação entre Arábia Saudita e Irã em 2023, o atual conflito envolve questões mais profundas e atores com interesses estratégicos complexos. Ainda assim, a China vê na crise uma oportunidade para expandir sua influência pelo Sul Global e se afirmar como potência global responsável, capaz de promover soluções diplomáticas em regiões historicamente dominadas pela influência ocidental.

Em suma, a posição chinesa é de condenação aos ataques israelenses, apoio à soberania iraniana e disposição para atuar como mediadora. Essa postura está alinhada com os interesses de Pequim, que busca consolidar sua presença no Oriente Médio, proteger seus fluxos energéticos e se apresentar como alternativa à hegemonia americana em tempos de instabilidade internacional.

11.3. PAÍSES ROTATÓRIOS (ISRAEL, IRÃ + P10)

Os dez membros rotativos, renovados anualmente, refletem a diversidade das Nações Unidas. Eleitos de diferentes regiões do mundo, esses países têm a oportunidade de se manifestar sobre temas que, embora distantes de sua realidade, permitem engajamento na esfera diplomática global. Essa representatividade possibilita aos delegados atuar de formas variadas nas simulações, assumindo funções como mediador ou porta-voz de blocos regionais. A interação entre os membros rotativos e os permanentes é igualmente relevante para os debates, fortalecendo posições que talvez não pudessem ser sustentadas por uma delegação isolada.

Estado de Israel

O Estado de Israel é um dos centros do debate presidido, neste ano, neste comitê. O país sendo o principal aliado dos EUA no Oriente Médio é visto também como o ocidente na região. Israel e Irã tem uma série de conflitos que já se envolveram, muitas vezes em lados opostos, mas nunca de forma direta, que foram descritos e aprofundados neste guia, entretanto desde a saída dos EUA do acordo nuclear de 2015, o país tem se posicionado contra o Irã e exposto, supostos, documentos que provam a tentativa de uma criação de uma bomba nuclear.

A preocupação de Israel com a possível criação de uma bomba nuclear é alta, sendo um dos motivos para o começo dos ataques, tornando-se o foco do Estado judeu. Essa mudança indica que Tel Aviv não vê mais o confronto como uma guerra por procuração, mas como um embate direto com Teerã, com o objetivo de neutralizar suas capacidades ofensivas e impedir o avanço do programa nuclear iraniano. Segundo autoridades israelenses, os ataques demonstraram que a geografia já não protege o Irã, marcando uma nova fase no confronto direto entre os dois países.

O ministro da Defesa israelense, Israel Katz, afirmou que concluiu uma reunião de segurança com autoridades militares alertando que novos ataques do Irã poderão levar à destruição total da capital iraniana. O israelense declarou que o governo iraniano está “transformando os cidadãos do Irã em reféns e criando uma realidade na qual eles pagarão um preço alto” e “Se aiatolá Ali Khamenei continuar a disparar mísseis contra a retaguarda israelense, Teerã vai queimar”, reforçou. Essas falas mostram o medo de uma possível criação de ogivas nucleares por parte do Irã.

Em resumo, Israel busca consolidar uma vantagem militar e política no confronto com o Irã, entretanto Tel Aviv entende que o início de uma nova guerra irá demandar maiores gastos e mais apoio do seu principal aliado, os EUA. A nova postura israelense sinaliza uma escalada perigosa, com potencial para envolver

outras potências e transformar o embate em algo multilateral com o envolvimento de outros países.

República Islâmica do Irã

A República Islâmica do Irã é um dos centros do debate presidido, neste ano, neste comitê. A posição do Irã diante do conflito com Israel é marcada por uma postura combativa, ideológica e profundamente enraizada em sua política externa desde a Revolução Islâmica de 1979. O país não reconhece a existência do Estado de Israel, referindo-se a ele como “regime sionista” ou “entidade sionista”.

Os aiatolás do Irã têm essencialmente três objectivos: expulsar os Estados Unidos do Médio Oriente, substituir Israel pela Palestina e derrubar a ordem mundial liderada pelos Estados Unidos, comentou o especialista em Irã, Karim Sadjadpour, no podcast "In the Room with Peter Bergen".

A inimizade do Irã com Israel e também com os EUA atingiu o seu auge em 1979, no contexto da Revolução Iraniana, quando o Xá do Irã (o governante monárquico do país naquela época), aliado do Ocidente e de Israel, foi derrubado pelos fundamentalistas islâmicas, de acordo com Peter Bergen, analista de segurança nacional da CNN.

Após o ataque israelense às instalações nucleares iranianas, Teerã realizou uma série de bombardeios e disparou mísseis e drones contra cidades israelenses como Tel Aviv, causando vítimas civis e danos materiais. Embora alguns mísseis tenham sido interceptados, o Irã demonstrou sua capacidade de retaliar e resistir, mesmo diante da superioridade tecnológica israelense.

No cenário internacional, o Irã busca apoio diplomático por meio de sua recente entrada no grupo BRICS, formado por países apoiados pela China e pela Rússia. Apesar de sua retórica agressiva, o Irã tem tomado medidas cautelosas, como alertar o Catar e os Estados Unidos sobre possíveis ataques, a fim de evitar uma escalada que prejudique sua segurança interna e seu status internacional.

O Irã também enfrenta desafios internos, como o impacto de explosões em suas instalações nucleares. Segundo autoridades americanas e israelenses, as explosões causaram um grande retrocesso em seu programa de enriquecimento de urânio. Apesar disso, Teerã insiste que seu programa tem fins pacíficos e acusa Israel e os Estados Unidos de violarem o direito internacional e sua soberania.

Ameaças de bloquear o Estreito de Ormuz, por onde passa cerca de 20% do petróleo mundial, têm sido usadas como meio de pressão, mas especialistas acreditam que essa medida é improvável devido às consequências econômicas que teria sobre o próprio Irã.

Em resumo, a posição do Irã é de resistência ideológica e militar, aliada a esforços para obter legitimidade internacional e o apoio de aliados estratégicos. O país se vê como vítima de agressão externa e busca reafirmar sua soberania mesmo diante de uma situação política desfavorável.

Estado da Palestina

O Estado da Palestina, sendo representado pela OLP, reconhecida internacionalmente como representante legítima dos palestinos desde os Acordos de Oslo, tem buscado manter sua atuação no campo diplomático, embora focada principalmente no conflito israelo-palestino, condena as ações de Israel contra o Irã e expressa apoio à resistência iraniana. A organização defende uma solução pacífica para a região, enfatizando a necessidade de diálogo e respeito à soberania dos Estados.

No entanto, o atual conflito entre Israel e Irã reacende tensões internas dentro da organização, especialmente entre facções mais radicais que ainda rejeitam qualquer forma de coexistência com o Estado israelense. A ofensiva israelense contra o Irã, junto à repressão nos territórios palestinos, fortalecem a narrativa de que Tel Aviv age de forma militarizada, o que pode levar a OLP a reforçar sua retórica contra a ocupação e a buscar apoio internacional para conter o avanço israelense.

Além disso, o conflito afeta diretamente a causa palestina, pois desvia a atenção global das violações de direitos humanos na Cisjordânia e em Gaza. Embora alinhada com os interesses da OLP em denunciar a ocupação, o apoio à causa iraniana gera dilemas diplomáticos, já que a organização busca manter canais abertos com países que defendem a solução de dois Estados, entre Palestina e Israel, proposta que Teerã rejeita.

Em suma, a OLP adota uma postura crítica à escalada militar entre Israel e Irã, reforçando sua defesa da soberania palestina e da diplomacia como caminho para a paz. Embora não envolvida diretamente no conflito, a organização vê na crise uma oportunidade para reavivar o debate sobre a ocupação israelense e reforçar a brutalidade dos ataques de Tel Aviv a outros países.

Reino da Arábia Saudita

A Árabia Saudita tem condenado publicamente os ataques israelenses ao Irã, classificando-os como uma “escalada perigosa” com potenciais consequências graves para a paz no Oriente Médio, entretanto sua atuação prática indica uma colaboração indireta com Tel Aviv. Segundo análises, a Arábia Saudita permitiu que mísseis iranianos fossem abatidos em seu espaço aéreo e cooperou com sistemas de vigilância que auxiliaram Israel na interceptação de drones e projéteis lançados por Teerã.

Essa dualidade nas ações sauditas reflete o dilema enfrentado por Riad: por um lado, há uma rejeição histórica à política israelense, especialmente em relação à Palestina; por outro, existe o temor de que o Irã, ao intensificar sua presença militar e influência regional, desestabilize ainda mais o Golfo.

Em resposta à escalada do conflito, o príncipe herdeiro Mohammed bin Salman, suspendeu as negociações de normalização diplomática com Israel, que vinham sendo mediadas pelos Estados Unidos. Essa decisão representa um recuo significativo nos esforços de integração regional e foi acompanhada por uma reaproximação com o Irã, incluindo um diálogo direto entre os líderes saudita e iraniano, algo inédito desde a retomada das relações diplomáticas em março de 2023.

Além disso, a Arábia Saudita teme que uma guerra regional envolvendo Israel, Irã e seus respectivos aliados possa comprometer seus projetos de desenvolvimento e afastar investimentos internacionais. O governo saudita tem buscado pressionar Washington e Tel Aviv por um cessar-fogo, tentando evitar que o conflito se espalhe para outros países do Golfo. Essa preocupação é reforçada pela possibilidade de o reino ser atingido no “fogo cruzado” entre potências rivais, o que tornaria insustentável sua posição diplomática e econômica.

À vista disso, a Arábia Saudita adota uma postura cautelosa e mediadora diante do conflito Israel-Iraniano. Ao mesmo tempo em que condena os ataques israelenses e reforça seu apoio à Palestina, coopera discretamente com Tel Aviv para conter ameaças iranianas. Essa ambiguidade estratégica mostra a tentativa de manter influência regional e evitar uma guerra de grandes proporções que poderia comprometer sua estabilidade e seus planos futuros.

República da África do Sul

A África do Sul tem se posicionado diferente do habitual com o conflito Israel-iraniano, sendo comumente associado a um país neutro. A nação tece críticas assíduas aos ataques israelenses e a violação dos direitos do Irã. O governo sul-africano, liderado pelo presidente Cyril Ramaphosa, expressou profunda preocupação com os ataques israelenses ao território iraniano, classificando-os como uma violação da soberania nacional e uma ameaça à estabilidade regional.

A África do Sul defende que qualquer disputa envolvendo o programa nuclear iraniano ou questões de segurança no Oriente Médio deve ser resolvida por meio do diálogo e da mediação multilateral, preferencialmente sob a liderança das Nações Unidas. A nação também sugeriu que o Irã permita verificações internacionais sobre seu programa nuclear, como forma de reduzir tensões e evitar justificativas para novos ataques.

O país tem adotado uma postura firme contra as ações militares israelenses, especialmente aquelas que afetam civis palestinos, e frequentemente compara a ocupação dos territórios palestinos ao regime de apartheid que vigorou na própria África do Sul. Essa comparação é sustentada por uma identificação histórica e simbólica com a luta palestina, vista por muitos sul-africanos como semelhante à

resistência contra o apartheid. O parlamento sul-africano chegou a aprovar moções para cortar relações diplomáticas com Israel, e o governo tem solicitado investigações internacionais sobre possíveis crimes de guerra cometidos por Tel Aviv.

Em suma, a posição sul-africana é de firme oposição à militarização do conflito Israel-Irã, condenando veementemente os ataques israelenses e tentando promover soluções pacíficas para o conflito.

República da Índia

A República da Índia tem expressado uma posição neutra e mediadora no conflito Israel-Iraniano. Em declaração recente, o primeiro-ministro indiano, Narendra Modi, expressou profunda preocupação com a escalada da violência no Oriente Médio, especialmente após os ataques dos Estados Unidos a instalações nucleares iranianas e a retaliação de Teerã contra Israel. Em conversa telefônica com o presidente iraniano, Modi enfatizou a necessidade de uma desescalada imediata, defendendo o diálogo e a diplomacia como caminhos para restaurar a paz e a estabilidade regional.

No entanto, essa posição diplomática é acompanhada por uma aliança estratégica crescente com Israel, especialmente nas áreas de defesa e tecnologia militar. A Índia é atualmente o maior comprador de armamentos israelenses, respondendo por mais de um terço das exportações militares de Tel Aviv. Essa parceria se intensificou nos últimos anos, com cooperação em sistemas antimísseis, drones, inteligência e cibersegurança. O fortalecimento desses laços é motivado por interesses mútuos na luta contra o terrorismo e pela modernização das forças armadas indianas.

Essa dualidade coloca a Índia em uma posição diplomática delicada. Por um lado, o país busca manter boas relações com o Irã, com quem compartilha interesses energéticos e históricos, especialmente no contexto da Organização de Cooperação de Xangai e dos BRICS. Por outro, a aliança com Israel é vista como

essencial para a segurança nacional indiana, especialmente diante das tensões com o Paquistão e da instabilidade no sul da Ásia.

Consequentemente, a Índia adota uma postura equilibrada diante do conflito Israel-Irã: condena a escalada militar e defende soluções diplomáticas, mas mantém uma aliança estratégica robusta com Israel.

República Federativa do Brasil

A República Federativa do Brasil está comprometida em buscar uma paz próspera e duradoura no Oriente Médio e mantém sua longa tradição de neutralidade em conflitos que não lhe dizem respeito. Desde o ataque israelense às instalações nucleares iranianas, o Governo brasileiro, por meio do Itamaraty, condenou veementemente o ataque, chamando-o de "clara violação à soberania desse país e ao direito internacional" e uma violação do direito internacional.

O Brasil também reiterou seu compromisso de usar a energia nuclear apenas para fins pacíficos e se opõe a qualquer forma de proliferação nuclear, especialmente em regiões instáveis. Embora não tenha feito declarações diretas contra Israel ou o Irã, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou que "qualquer conflito me preocupa" e criticou Israel por gastar recursos em guerras em vez de investir na transformação energética e na erradicação da pobreza.

A relação entre Brasil e Israel já vinha abalada desde 2023, quando Lula foi declarado persona non grata por autoridades israelenses após comparar os ataques em Gaza ao Holocausto. Por outro lado, o Brasil mantém laços históricos com o Irã, tendo inclusive tentado mediar acordos nucleares no passado e apoiado a entrada do país no grupo dos BRICS.

Além das implicações políticas, o conflito também afeta o Brasil economicamente. A escalada militar e a ameaça de bloqueio do Estreito de Ormuz pressionam os preços do petróleo, o que pode gerar efeitos inflacionários e impactar cadeias produtivas brasileiras. O governo brasileiro observa atentamente o conflito,

já que por ser importador de derivados fósseis e fertilizantes iranianos, a entrada do país na guerra não é vantajosa.

Em resumo, o Brasil adota uma postura crítica à militarização do conflito Israel-Irã, defende a soberania de ambos Estados e busca continuar com sua posição de equilíbrio, entretanto, essa posição tem gerado controvérsias internas e desafios externos.

República Federal da Alemanha

A República Federal da Alemanha tem expressado apoio explícito a Tel Aviv e condenando o contínuo enriquecimento de urânio pelo Irã. O chanceler alemão, Friedrich Merz, declarou publicamente que Israel está “fazendo o trabalho sujo por todos nós” ao bombardear instalações nucleares iranianas, uma afirmação que gerou forte repercussão interna e internacional.

A Alemanha justifica seu apoio com base em uma responsabilidade histórica decorrente do Holocausto, reafirmando que a segurança de Israel é uma “razão de Estado” para o país. Essa herança moral tem sido usada como fundamento para a continuidade do fornecimento de armamentos e cooperação militar com Israel, mesmo diante das críticas sobre o impacto humanitário dos ataques. O ministro das Relações Exteriores, Johann Wadepuhl, reforçou essa posição destacando que Israel enfrenta ameaças constantes de grupos como Hezbollah, Houthis e do próprio Irã, o que tornaria indispensável o suporte militar alemão.

A postura pró-Israel da Alemanha tem provocado forte polarização interna. No parlamento, manifestações pró-palestinas foram reprimidas, e parlamentares favoráveis à Palestina sofreram sanções simbólicas. Simultaneamente, a sociedade civil se mobilizou com protestos, criticando a seletividade da política externa alemã, que muitos consideram negligente diante do sofrimento dos civis iranianos e palestinos, priorizando exclusivamente a segurança israelense.

Em síntese, a Alemanha mantém um apoio firme e institucional a Israel no conflito contra o Irã, baseado em compromissos históricos e interesses estratégicos.

Contudo, essa posição tem provocado intensos debates internos sobre os limites da solidariedade, o papel da Alemanha na promoção da paz e a coerência de sua política externa diante do direito internacional e humanitário.

República Islâmica do Paquistão

A República Islâmica do Paquistão tem se posicionado em apoio do Irã e contra os ataques israelenses que foram uma afronta ao direito internacional e à soberania iraniana. Após os ataques israelenses às instalações nucleares iranianas, o Paquistão manifestou apoio ao Irã, com declarações públicas que sugerem disposição para intervir militarmente caso o conflito se intensifique.

A tensão aumentou significativamente quando o general iraniano Mohsen Rezaei afirmou, em rede nacional, que o Paquistão teria prometido apoio nuclear ao Irã caso Israel avançasse contra suas lideranças políticas. Embora o governo paquistanês não tenha confirmado oficialmente essa promessa, a ambiguidade de sua resposta alimentou especulações sobre uma possível aliança estratégica entre os dois países.

Historicamente, o Paquistão não reconhece o Estado de Israel e mantém uma política externa que rejeita a ocupação de territórios árabes por Israel. Essa postura se intensificou com a aproximação entre Israel e Índia, principal rival regional do Paquistão, o que levou o país a reforçar seus laços com Teerã como forma de contrabalançar a influência israelense no sul da Ásia. A escalada do conflito também reacendeu tensões na fronteira entre Irã e Paquistão, especialmente na região do Baluchistão, onde ambos os países enfrentam grupos separatistas.

No cenário internacional, o Paquistão tem buscado se posicionar como defensor da soberania iraniana e crítico das ações militares israelenses, especialmente aquelas que envolvem alvos civis e instalações nucleares. A possibilidade de apoio nuclear, mesmo que simbólica, levanta preocupações sobre a proliferação de armas de destruição em massa e o risco de uma guerra com consequências globais.

Em suma, o Paquistão adota uma posição de apoio político e ideológico ao Irã, condena as ações israelenses e reflete sua oposição histórica ao Estado de Israel. Ao mesmo tempo, a entrada em uma guerra pode não ser bem vista, já que o país tem preocupações maiores como os grupos separatistas em sua fronteira.

República Libanesa

A República Libanesa vêm condenando veementemente os ataques israelenses ao Irã por irem contra o direito internacional e desacatarem a soberania iraniana, ou seja, o país se posiciona em apoio ao país mulçumano. Desde o início da escalada entre Israel e Irã, o sul do Líbano tem sido alvo de intensos bombardeios israelenses, com justificativas de que os ataques visam posições do Hezbollah. Segundo relatos da BBC, milhares de civis libaneses foram forçados a abandonar suas casas, fugindo para o norte em meio ao caos e à destruição, enquanto o governo libanês denunciava a morte de centenas de pessoas, incluindo dezenas de crianças.

O Hezbollah, por sua vez, intensificou seus ataques contra o norte de Israel, lançando foguetes e drones armados, o que elevou o temor de uma guerra regional de grandes proporções. A resposta israelense tem sido dura, com ameaças de transformar Beirute e o sul do Líbano em zonas de guerra semelhantes à Faixa de Gaza. O Líbano, portanto, se vê muitas vezes como uma vítima colateral de uma disputa entre potências regionais, com seu território sendo usado como campo de batalha por forças externas.

Assim sendo, o Líbano apoia o Irã, graças a sua política estar muito alinhada ao Hezbollah. O país se encontra em uma posição delicada, tentando evitar um envolvimento mais profundo no conflito, ao mesmo tempo em que sofre diretamente os impactos de uma guerra que não iniciou, mas da qual está extremamente ligada.

República Popular Democrática da Coreia

A Coreia do Norte diante do conflito entre Israel e Irã possui um forte apoio ao Irã, embora o regime de Pyongyang evite declarar envolvimento direto ou apresentar uma postura diplomática oficial. Segundo reportagens do Rodong Sinmun, principal jornal norte-coreano, o país condenou veementemente os ataques israelenses às instalações nucleares iranianas, classificando-os como uma “ato ilegal” e um “crime contra a humanidade”.

O Ministério das Relações Exteriores norte-coreano afirmou que as mortes de civis provocadas pelos bombardeios são “um crime imperdoável” e que Israel estaria promovendo uma “guerra de agressão” que ameaça desencadear uma nova guerra total no Oriente Médio.

Apesar da contundência das críticas, a Coreia do Norte não mencionou os bombardeios realizados pelos Estados Unidos contra o Irã, tampouco indicou qualquer intenção de prestar apoio militar a Teerã. Essa omissão sugere uma estratégia de cautela, possivelmente motivada por interesses diplomáticos com outros atores internacionais, como China e Rússia, que também condenaram os ataques, mas evitaram envolvimento direto. A mídia estatal norte-coreana também citou declarações da porta-voz russa Maria Zakharova, que alertou para o risco de uma “catástrofe nuclear” e criticou a passividade da comunidade internacional diante da escalada do conflito.

À vista disso, a Coreia do Norte condena os ataques israelenses como ilegais e perigosos, Pyongyang reforça seu alinhamento ideológico com o Irã e sua oposição histórica ao Estado de Israel e aos Estados Unidos, mas mantém uma postura ambígua quanto ao seu papel direto no conflito, preferindo atuar como uma voz crítica externa sem se envolver diretamente nas hostilidades.

República da Turquia

A República da Turquia diante do conflito entre Israel e Irã posiciona-se de forma crítica a ambas nações envolvidas e defende a estabilidade no Oriente Médio. Desde os primeiros ataques israelenses às instalações nucleares iranianas, Ancara

condenou duramente a ofensiva, classificando-a como uma escalada não provocada e perigosa. O ministro das Relações Exteriores turco, Hakan Fidan, afirmou que Israel está “arrastando a região para um desastre total”, destacando que não há um problema iraniano isolado, mas sim um problema israelense que afeta toda a geopolítica regional.

O presidente Recep Tayyip Erdoğan reforçou essa crítica ao denunciar o apoio incondicional de países ocidentais a Israel e alertar que a Turquia não permitirá que as fronteiras regionais sejam redesenhadas “com sangue”. Erdoğan também condenou diretamente o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu, acusando-o de liderar uma “rede de massacre” que ameaça incendiar a região.

Além da diplomacia, a Turquia adotou medidas concretas para reforçar sua segurança nacional. Ancara anunciou investimentos maciços em sua capacidade de defesa, incluindo o fortalecimento de suas forças armadas e a preparação de planos de contingência para lidar com possíveis ondas de refugiados e instabilidade nas fronteiras. Essa resposta demonstra que, embora não envolvida diretamente no conflito, a Turquia está se preparando para os impactos colaterais da guerra, inclusive no plano humanitário e geopolítico.

A relação entre Turquia e Irã é historicamente ambígua, marcada por rivalidade estratégica em regiões como Síria, Iraque e Cáucaso, mas também por cooperação pontual em temas como oposição à política israelense. Essa dualidade permite à Turquia manter canais abertos com Teerã, ao mesmo tempo em que preserva sua posição como membro da OTAN. Ancara também foi informada com antecedência sobre os ataques israelenses, o que revela seu papel relevante nas negociações e na arquitetura de segurança regional.

Em resumo, a Turquia adota uma postura crítica e ativa diante do conflito Israel-Iraniano, condenando os ataques israelenses, reforçando sua capacidade de defesa e buscando preservar sua influência regional. Ao mesmo tempo, mantém uma estratégia de equilíbrio entre rivalidade e cooperação com o Irã, posicionando-se como potência mediadora.

11.4. PAÍSES OBSERVADORES

Durante a simulação, um país observador é aquele que participa das discussões diplomáticas, contribui com sugestões e expressa opiniões, sua

presença é importante na formação de consensos e na construção de alianças entre delegações. Esses países podem discursar, propor cláusulas e atuar como mediadores, influenciando o andamento dos debates e o conteúdo final das resoluções. Na fase de votação suas manifestações de apoio ou crítica podem orientar o posicionamento de delegações com direito a voto. O papel do país observador, portanto, é de articulação e influência, representando uma atuação diplomática estratégica que enriquece os diálogos e fortalece a legitimidade dos projetos apresentados.

República da Coreia

A República da Coreia do Sul tem se alinhado com o Ocidente apoiando Israel, apesar de condenar a escalada militar no Oriente Médio. Embora Seul não tenha adotado uma postura pública contundente como outros países, sua atuação reflete uma tentativa de equilibrar interesses internacionais com a preservação da estabilidade regional e da segurança energética.

Historicamente, a Coreia do Sul mantém relações diplomáticas sólidas com Israel, especialmente nas áreas de tecnologia, defesa e comércio. Ao mesmo tempo, busca manter canais abertos com o Irã, com quem compartilha interesses energéticos e comerciais, sobretudo no setor de petróleo e gás. Essa dualidade exige uma abordagem cuidadosa, especialmente diante de um conflito que envolve ataques a instalações nucleares e ameaça a segurança global.

Durante os primeiros dias da escalada entre Israel e Irã, o governo sul-coreano evitou declarações polarizadas, preferindo acompanhar os desdobramentos por meio de seus canais diplomáticos e de segurança. Segundo análises recentes, a Coreia do Sul não se posicionou diretamente ao lado de nenhum dos dois países, mas reforçou sua cooperação com os Estados Unidos, seu principal aliado estratégico, especialmente no âmbito do G7 e das iniciativas de segurança internacional.

A preocupação sul-coreana também se estende ao impacto econômico do conflito. A instabilidade no Oriente Médio afeta diretamente os preços do petróleo e pode comprometer o abastecimento energético do país, que depende fortemente de importações. Por isso, Seul defende a desescalada do conflito e o retorno ao

diálogo diplomático como forma de preservar a segurança global e evitar uma crise energética.

Em resumo, a Coreia do Sul não apoia nenhum lado, entretanto tende a priorizar seu já aliado, Israel, diante do conflito Israel-Iraniano. Embora alinhada com o Ocidente e preocupada com a segurança regional, evita envolvimento direto e prioriza a diplomacia como ferramenta para conter a escalada militar.

Estado Plurinacional da Bolívia

O Estado Plurinacional da Bolívia apoia o Irã, durante seu conflito, condenando às ações militares israelenses e se alinha politicamente com a causa palestina e, indiretamente, com Teerã. Em outubro de 2023, o governo boliviano, liderado pelo presidente Luis Arce, anunciou o rompimento oficial das relações diplomáticas com Israel, alegando que o país havia conduzido uma operação “agressiva e desproporcional” contra civis palestinos.

Embora o governo boliviano não tenha emitido uma declaração específica sobre os ataques israelenses ao Irã, sua posição crítica em relação à política militar de Tel Aviv e seu apoio histórico à causa palestina indicam um alinhamento indireto com Teerã. A Bolívia vê com preocupação a militarização do Oriente Médio e defende soluções diplomáticas para os conflitos regionais. O rompimento com Israel, nesse sentido, é interpretado como um gesto simbólico de solidariedade aos povos afetados pela guerra e como uma rejeição à lógica de confrontos armados como instrumento de política externa.

Em resumo, a Bolívia adota uma postura de condenação às ações militares israelenses, rompe relações diplomáticas com Tel Aviv e reforça seu apoio à causa palestina. Embora não envolvida diretamente no conflito Israel-Iraniano, sua posição crítica à política israelense e seu compromisso com o direito internacional a colocam como um dos países latino-americanos contrários à escalada militar no Oriente Médio.

República Argentina

A República Argentina tem expressado apoio explícito a Israel, especialmente sob o governo do presidente Javier Milei e criticado as ações iranianas. Após os ataques iranianos com mísseis contra o território israelense, o Ministério das Relações Exteriores argentino condenou a ofensiva de Teerã, classificando-a como “injustificada e perigosa” e reafirmando o “legítimo direito de Israel à autodefesa”. A ministra da Segurança, Patricia Bullrich, reforçou que a Argentina não é neutra nesse conflito e que está alinhada com as democracias ocidentais que compartilham valores com o país, como a defesa dos direitos humanos e das liberdades individuais.

O presidente argentino foi o único líder latino-americano a visitar Israel após os atentados, reforçando seu apoio ao Estado hebreu e à sua luta contra o terrorismo. A Argentina também reforçou sua segurança interna, elevando o nível de alerta nas fronteiras e em locais sensíveis, como instituições judaicas, diante da possibilidade de retaliações iranianas. O país já foi alvo de dois atentados terroristas atribuídos ao Irã nos anos 1990, o que contribui para a percepção de vulnerabilidade e para a justificativa do alinhamento com Israel.

No entanto, essa postura não é unânime dentro da política argentina. Em momentos anteriores, como durante o governo de Cristina Kirchner, a Argentina chegou a condenar ações militares israelenses em Gaza, alegando que violavam o direito internacional e causavam sofrimento à população civil. Essa divergência interna reflete a polarização política do país, onde setores da esquerda mantêm uma visão crítica à política externa israelense e se alinham com causas como a palestina, enquanto o atual governo adota uma linha pró-Occidente e pró-Israel.

Em resumo, a Argentina sob Javier Milei se posiciona como aliada firme de Israel, condenando os ataques iranianos e reforçando sua segurança nacional diante de possíveis ameaças. Essa postura é sustentada por convicções ideológicas, experiências históricas de terrorismo e pela tentativa de se afirmar como parte do bloco das democracias ocidentais. Ao mesmo tempo, o país enfrenta

tensões internas sobre o equilíbrio entre solidariedade internacional e respeito aos direitos humanos em zonas de conflito.

República de Angola

A República de Angola tem se pronunciado de forma neutra e respeitosa a soberania das nações. O governo angolano, por meio do Ministério das Relações Exteriores, declarou que acompanha “de forma atenta e contínua” a escalada de tensão entre os dois países, mantendo estreita coordenação com sua embaixada em Israel e com as autoridades locais.

Essa abordagem reflete a tradição diplomática angolana de neutralidade ativa, na qual o país evita tomar partido em conflitos internacionais, mas se posiciona em defesa da paz, da segurança regional e do respeito ao direito internacional. Angola não emitiu condenações públicas nem declarações de apoio a qualquer das partes envolvidas, optando por uma estratégia de observação e assistência consular.

Angola mantém laços comerciais e políticos com diversas nações da região, incluindo Israel e Irã, e busca evitar qualquer posicionamento que possa comprometer sua imagem como parceiro confiável e pacífico. Essa neutralidade é coerente com sua atuação em fóruns multilaterais, como a União Africana e as Nações Unidas, onde costuma defender o diálogo como ferramenta essencial para a resolução de conflitos.

Em suma, Angola adota uma posição neutra diante do conflito Israel-Iraniano, focando na manutenção da estabilidade diplomática. Ao evitar envolvimento direto e priorizar a assistência consular, o país reafirma seu compromisso com a paz e com os princípios do direito internacional, mantendo-se como observador atento em um cenário de crescente polarização global.

República da Bielorrússia

A República da Bielorrússia tem demonstrado seu apoio de forma discreta, alinhada com seus parceiros estratégicos e voltada para a preservação da estabilidade regional. Embora o governo bielorrusso não tenha emitido declarações

públicas contundentes sobre os ataques israelenses às instalações nucleares iranianas, sua atuação diplomática tende a ser favorável ao Irã, especialmente no contexto da recente ampliação do grupo dos BRICS, do qual ambos os países agora fazem parte.

A Bielorrússia compartilha com o Irã uma visão crítica da hegemonia ocidental, especialmente no que diz respeito à atuação dos Estados Unidos no Oriente Médio, no entanto, diferentemente do Irã, Minsk evita adotar uma retórica agressiva contra Israel, preferindo manter uma linguagem diplomática mais neutra. A instabilidade no Oriente Médio afeta diretamente os preços do petróleo e fertilizantes, insumos estratégicos para a economia bielorrussa, além de influenciar as dinâmicas comerciais com parceiros asiáticos e europeus, o que pode ser visto como uma oportunidade de crescimento do país.

Em resumo, a Bielorrússia apesar de não envolvida diretamente nas hostilidades, o país demonstra simpatia pelas reivindicações iranianas e mantém uma política externa voltada para o equilíbrio diplomático e a defesa da soberania dos Estados. Essa abordagem reflete o esforço de Minsk em preservar sua relevância internacional sem se comprometer com posições que possam gerar isolamento ou tensões bilaterais.

12. DOCUMENTO DE POSICIONAMENTO OFICIAL (DPO)

O DPO trata-se de um documento breve apresentando a política externa do país durante as reuniões do comitê, com o tema “Conflito Israelo-Iraniano”, indicando qual será a orientação a ser assumida pelo delegado nos dias da simulação. Nos moldes dos documentos de política externa, este pode conter princípios gerais definidos pelo país, posicionamento específico sobre o tema e/ou informações consideradas relevantes de serem tornados públicas para os outros delegados e para a mesa diretora do comitê. Esses documentos serão tornados públicos – logo, as informações ali contidas devem ter caráter não-confidencial.

12.1. INSTRUÇÕES

Como um documento formal, o Documento de Posição Oficial conta também para a avaliação geral do delegado, tanto em termos do conteúdo de política externa apresentado quanto em termos de consistência entre as posições ali apresentadas e o comportamento do delegado durante as negociações.

O DPO deverá ser entregue à mesa diretora na primeira sessão, podendo ser solicitado durante os dois dias de debates pelos representantes de quaisquer delegações. Ademais, é importante frisar que o documento poderá ser lido durante o discurso inicial dos senhores delegados, assim como o pronunciamento próprio. Lembrando que os delegados devem levar duas cópias impressas do DPO para o dia do debate, pois uma delas ficará com a mesa diretora.

12.2. FORMATAÇÃO DO DOCUMENTO

Por se tratar de um documento oficial das delegações, é preciso que os senhores delegados sigam a formatação segundo as normas oficiais:

1. O brasão de armas do seu respectivo Estado deve encontrar-se no canto superior direito e a bandeira oficial no canto superior esquerdo da página, no centro superior deve haver o nome oficial do país e abaixo deste a denominação do comitê (Conselho de Segurança das Nações Unidas), o nome do delegado e sua respectiva assinatura devem constar no canto inferior direito do documento.

2. O texto deve ocupar apenas uma página, além de seguir as referências de formatação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT):

- Fonte Times New Roman, tamanho 12 pts;
- Espaçamento entre linhas 1,5;
- Disposição do texto. Justificado;
- Margens superior e esquerda, 3cm, inferior e direita, 2cm.

12.3. MODELO DE DPO

Abaixo, é exemplificado o padrão de DPO do Conselho de Segurança das Nações Unidas. É importante a atenção ao fato de que esse documento foi redigido

com foco no tema "Conflito Israelo-Palestino", diferentemente do que é esperado dos senhores e senhoras.



Estado da Palestina
Conselho de Segurança das Nações Unidas



O Estado da Palestina entende o conflito israelo-palestino como uma questão de constante negação aos direitos árabes. O povo palestino, assim como seu governo, reafirma a necessidade da criação de um Estado palestino como forma de segurança. O objetivo do povo palestino é alcançar a paz e o direito a ter um lar onde as famílias possam usufruir da terra que foi conquistada pela sua história e luta. O respeito e a justiça perene que buscamos são direitos legítimos e inegociáveis que assegurem a coexistência pacífica na região.

O genocídio em curso nos territórios ocupados é consequência da constante iniciativa internacional de estorvar o povo palestino de seu direito. Com a criação do Estado de Israel em 1948, sucessivas foram as tentativas de aniquilar o povo palestino de forma covarde e contundente, obrigando à expulsão de milhares de palestinos, desencadeando décadas de guerra. Atualmente, o conflito permanece sem solução, marcado por um terrorismo estatal disfarçado de defesa que patrocina a violência, e ações militares em uma crescente de desesperança para uma solução que proporcione a paz para ambos os Estados.

O Estado da Palestina condena de forma categórica as ações de Israel contra civis à mercê da ajuda estrangeira, sofrendo com a ocupação contínua dos territórios tomados de forma agressiva. Essas ações são violações flagrantes do direito internacional humanitário e dos direitos humanos, uma vez que o povo palestino clama por um lar, clamor esse que vem sendo continuamente ignorado pelas potências ocidentais.

À vista disso, o Estado da Palestina sempre foi favorável a negociações diplomáticas, se distanciando de ações beligerantes, pois é totalmente comprometido na busca e na construção de canais de diálogo que culminem na paz. No entanto, para que haja uma resolução justa, exigimos o fim da ocupação israelense, bem como os sucessivos atos de violência contra civis nos territórios palestinos. O desmantelamento dos assentamentos israelenses nesses territórios é primordial, bem como o fim dos bloqueios humanitários impostos por Israel e o direito de retorno dos refugiados palestinos, conforme estipulado pela Resolução 194 da ONU.

Pedro Henrique Lima Reis Santos
Delegado da Palestina

13. PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

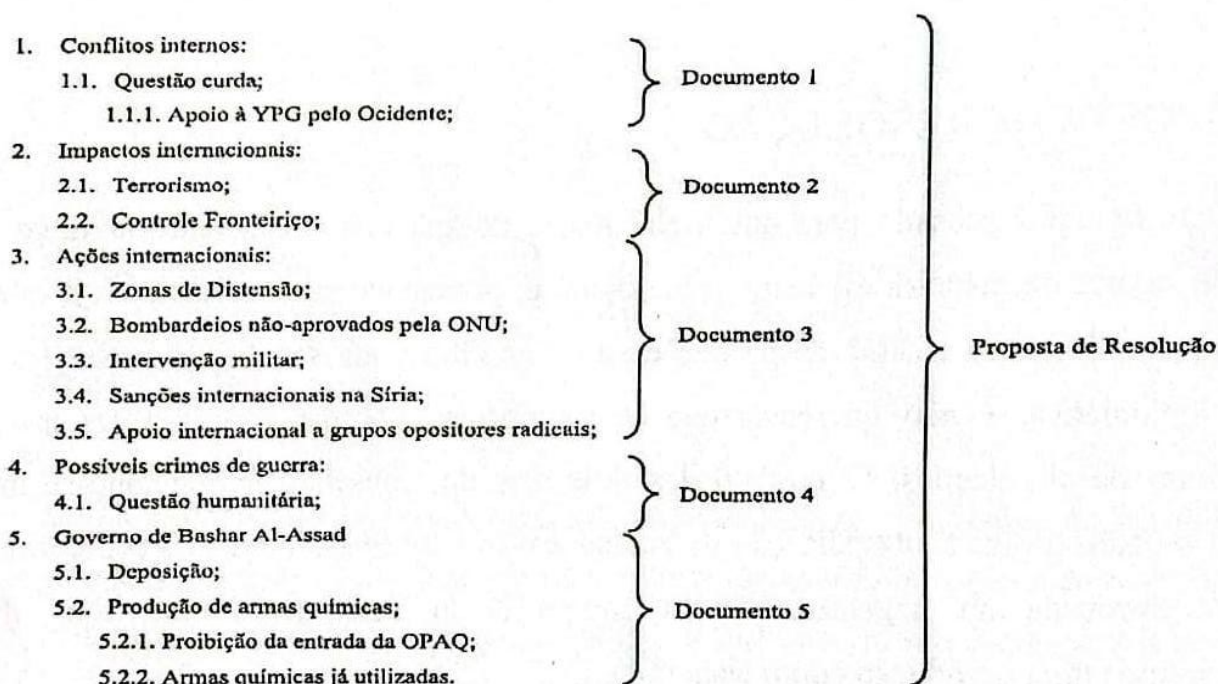
Este item foi pensado para que a elaboração de todos os documentos ao longo da simulação ocorra de maneira eficiente, profissional e, principalmente multilateral, já que o conhecimento de como redigir as produções do Conselho pode ser grande vantagem na disputa diplomática, e não queremos que esse conhecimento seja exclusivo aos que já participaram de simulações. O produto dos três dias do Conselho de Segurança é uma Proposta de Resolução: para a oficialização do acordo ao qual todas as delegações consentiram, que será aprovada ou negada, mediante avaliação do Secretário Geral. Aqui, lhes apresentaremos uma introdução como elaborá-la.

Gostaríamos de lembrar que todos os documentos criados pelos delegados passam por processos de votações distintos, além de outras normas que não serão contempladas neste guia, mas sim na revisão de regras e ao longo da simulação. De qualquer forma, caso surjam curiosidades prévias acerca desses procedimentos, a mesa poderá ajudá-los.

13.1. ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO

Ao início da primeira sessão, será apresentada aos senhores delegados a Agenda de Trabalho, que contemplará todos os tópicos que os senhores e senhoras julgarem pertinentes para a discussão, ordenados em lista de diferentes níveis. É comum que os assuntos da agenda sigam uma progressão de complexidade, para que os últimos tópicos, que demandam mais tempo, sejam tratados quando o comitê já flui com mais naturalidade e quando já foram resolvidos alguns problemas que dificultavam o andamento da discussão.

Para cada grande tópico da agenda, sinalizado por um número inteiro (1, 2, 3, etc.), deverá ser produzido um Documento de Trabalho, que explicitem as medidas que o Conselho tomou para solucioná-lo. Esses documentos devem ser reunidos e formatados na chamada Proposta de Resolução. Segue, na próxima página, um esquema para ilustrar as produções do CSNU acerca da Guerra da Síria e Intervenção Militar.



Este esquema não é inalterável, pois sabemos que haverá discordâncias e conclusões ao longo do debate que podem torná-lo incapaz de transmitir corretamente as deliberações do Conselho. Todavia, ele é uma forma de melhor organizar a produção do comitê e, portanto, deve ser seguido ao máximo possível.

Ademais, a organização dos arquivos no computador também é fundamental para que não ocorram imprevistos. Assim, atentem-se ao nomear, salvar e criar arquivos, pois estes serão requisitados durante a elaboração da Proposta. Tentaremos estabelecer previamente certa catalogação no computador para ajudá-los, mas os delegados também serão responsáveis por esse processo.

13.2. FORMATAÇÃO DA PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

A formatação da Proposta segue os parâmetros oficiais da ONU. Isso significa que as soluções acordadas durante a simulação devem ser escritas em um modelo dividido em duas partes: Cláusulas Preambulares, que reafirmam a posição do Conselho, retomam resoluções anteriores e contextualizam o documento, seguidas de Cláusulas Operativas, que, de fato, são as ordens e providências para

que o conflito se encerre. Haverá, ao lado dos computadores, documentos que auxiliarão os delegados a formular as cláusulas.

14. BIBLIOGRAFIA

<https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/almanaque/historia-reino-unificado-israel-religiao-judaismo.phtml>

<https://embassies.gov.il/Lisboa/AboutIsrael/history/Pages/HISTORIA-Tempos-biblicos.aspx#:~:text=O%20Reino%20de%20Israel%2C%20com,e%2C%20depois%2C%20de%20Jud%C3%A1.>

[https://www.historiadomundo.com.br/hebreus/cativeiro-babilonia.htm#:~:text=O%20%C3%A9dito%20de%20Ciro%2C%20em%20538%20a.C.%2C,e%20a%20reconstru%C3%A7%C3%A3o%20do%20Templo%20de%20Jerusal%C3%A9m.&text=Edito%20de%20Ciro%20\(538%20a.C.\):%20o%20rei,terras%20e%20reconstru%C3%ADssem%20o%20Templo%20de%20Jerusal%C3%A9m.](https://www.historiadomundo.com.br/hebreus/cativeiro-babilonia.htm#:~:text=O%20%C3%A9dito%20de%20Ciro%2C%20em%20538%20a.C.%2C,e%20a%20reconstru%C3%A7%C3%A3o%20do%20Templo%20de%20Jerusal%C3%A9m.&text=Edito%20de%20Ciro%20(538%20a.C.):%20o%20rei,terras%20e%20reconstru%C3%ADssem%20o%20Templo%20de%20Jerusal%C3%A9m.)

<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/aryan-1>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2023-10/entenda-o-que-e-sionismo-movimento-que-da-origem-ao-estado-de-israel>

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eua-ja-derrubaram-um-governo-do-ira-antes-relembre/>

<https://www.brasildefato.com.br/colunista/juliane-furno/2020/01/14/petroleo-iraniano-ja-motivou-golpe-de-estado-orquestrado-pelos-eua/>

<https://www.britannica.com/event/1953-coup-in-Iran>

<https://youtu.be/-QYhViVpavg?si=6iOK8pvTGmMeetkK>

<https://youtu.be/848UcadzMeY?si=n9-3WfppPv38hblQ>

<https://youtu.be/gCcHuuKm-SU?si=6ghO-8Ur8IZLLxSS>

https://youtu.be/uFZMpMdiKIE?si=VNOcAM8gD_z_VPLX

<https://youtu.be/U3dmZpFEyV0?si=g7xUzNBqL87hFuNH>

<https://threatmon.io/iran-based-aps/>

<https://www.sonicwall.com/blog/apt-33-34-35-39-destructive-zero-clear>

<https://attack.mitre.org/groups/G0064/>

<https://www.ginc.org/apt35/>

<https://www.cfr.org/cyber-operations/stuxnet>

<https://www.malwarebytes.com/pt-br/stuxnet>

<https://www.gov.il/en/pages/newabout>

<https://www.kiledjian.com/main/2024/8/30/iranian-cyber-apt-groups-a-growing-and-sophisticated-threat>

<https://reductidc.com.br/assets/files/Israel-eDefesaCibernetica-JuliaLooseeGracielaDeContiPagliari.pdf>

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/03/04/como-israel-se-transformou-em-uma-potencia-de-ciberespionagem.ghtml>

<https://sempreupdate.com.br/companhia-siderurgica-do-ira-e-paralisada-por-ataque-cibernetico/>

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62124923>

<https://www.cisoadvisor.com.br/grupo-pro-israel-e-suspeito-de-atacar-postos-de-gasolina-no-ira/>

<https://israelnoticias.com/seguridad/israel-en-alerta-maxima-tras-ataque-de-ransomware-contra-un-hospital/>

<https://securityleaders.com.br/grupos-de-ransomware-atacam-empresas-de-agua-e-saneamento-revela-relatorio/>

<https://sicnoticias.pt/especiais/guerra-no-medio-orientes/2025-06-20-video-programa-nuclear-do-irao-um-crescimento-explosivo-nos-quilos-de-uranio-enriquecido-b817b8ca>

<https://exame.com/mundo/israel-x-ira-quatro-pontos-para-compreender-a-escalada-do-conflito/>

<https://www.moneytimes.com.br/escalada-de-nova-guerra-no-orientemedio-entenda-o-historico-do-conflito-entre-israel-ira-e-o-ocidente-grds/>

<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2025/06/20/europeus-se-reunem-com-ira-para-discutir-conflito-com-israel-e-evitar-escalada-no-orientemedio.ghtml>

<https://www.msn.com/pt-pt/noticias/mundo/netanyahu-n%C3%A3o-descarta-morte-do-l%C3%ADder-supremo-iraniano/ar-AA1GP2BE>

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/guerra-no-medio-orientes-a-evolucao-do-conflito-entre-israel-e-irao_e1662329

<https://expresso.pt/internacional/medio-orientes/guerra-israel-hamas/2025-06-20-sete-dias-de-guerra-entre-israel-e-irao-a-escalada-do-novo-conflito-em-imagens-8365c6e3>

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/06/18/israel-x-ira-tudo-o-que-se-sabe-ate-o-momento-sobre-o-conflito.ghtml>

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55485951>

<https://www.cisoadvisor.com.br/ira-acusa-israel-de-estar-por-tras-do-ciberataque-que-paralisa-ou-usina-nuclear/>

<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/guerra-dos-seis-dias.htm>

<https://www.timesofisrael.com/iran-sentences-3-to-death-over-2020-killing-of-nuclear-scientist-mohsen-fakhrizadeh/>

<https://www.wionews.com/world/inside-israel-s-killer-truck-that-took-out-iran-s-oppenheimer-how-mossad-killed-iran-s-nuclear-mastermind-mohsen-fakhrizadeh-1750271138224>

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eua-emitem-novas-sancoes-a-grupos-que-facilita-m-financiamento-do-ira-ao-hamas/>

<https://www.boletimdaliberdade.com.br/2024/03/20/banco-central-alerta-sobre-financiamento-terrorista-por-parte-do-ira/>

<https://noticias.r7.com/internacional/ira-e-o-principal-patrocinador-do-terrorismo-no-mundo-diz-departamento-de-estado-dos-eua-01122023/>

<https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2024/01/18/entenda-os-interesses-do-ira-em-financiar-grupos-terroristas-e-a-capacidade-belica-do-pais.ghtml>

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/06/21/israel-mostra-supostos-documentos-que-liga-m-ira-ao-hamas.ghtml>

<https://www.msn.com/pt-br/noticias/mundo/quais-s%C3%A3o-os-aliados-do-ir%C3%A3-na-guerra-contra-israel/ar-AA1H0JVH>

<https://noticias.r7.com/prisma/nosso-mundo/saiba-por-que-o-ira-apoia-o-governo-sirio-nesta-guerra-que-ja-dura-7-anos-06032018/>

<https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/historia-fotos-ira-vida-antes-da-revolucao.phtml>

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c72q7l4845do>

<https://www.britannica.com/event/Iranian-Revolution/Aftermath>

<https://g1.globo.com/mundo/ao-vivo/israel-anuncia-ataque-ao-ira.ghtml>

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/autoridades-mundiais-reagem-ao-ataque-dos-eua-contra-o-ira/>

<https://www.poder360.com.br/poder-internacional/ira-pede-reuniao-na-onu-e-ataca-israel-apos-bombardeios-dos-eua/>

https://www.terra.com.br/noticias/mundo/eua-atacam-instalacoes-nucleares-e-entram-em-guerra-com-o-ira.ec34728cfd6df4d19807f1ef7119ff6ar8j8igr7.html#google_vignette

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/06/21/especialistas-analisam-entrada-eua-guerra-israel-ira.ghtml>

<https://www.doisniveis.com/doisniveis/guerra-ira-iraque-origens-do-conflito/>

<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/a-guerra-ira-iraque.htm>

<https://youtu.be/NTkR3FRAfhc?si=4Ap2MIT5TmUVJUjQ>

<https://youtu.be/Ju9c6BptsBs?si=R2mqWhfAL4eDo8G1>

<https://www.britannica.com/event/Lebanese-Civil-War>

<https://youtu.be/EaTDVDZ28jQ?si=Saph-QNNpTmCZxwq>

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy805je6pzlo>

<https://www.britannica.com/event/Syrian-Civil-War#ref300770>

<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/guerra-civil-na-siria.htm>

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/o-que-esta-acontecendo-na-siria-um-guia-para-entender-o-conflito/>

<https://youtu.be/GmKqCm7UCAE?si=UKHqQASbyrrfc5GS>

https://www.nationalgeographic.pt/historia/israel-e-palestina-como-e-quando-comecou-conflito_4382

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/ckgn7w97l48o>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2025-06/conheca-historia-nuclear-do-ira-e-como-ela-explica-guerra-de-israel>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2025-06/conheca-historia-nuclear-do-ira-e-como-ela-explica-guerra-de-israel>

<https://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/viewFile/1920/1268#:~:text=O%20Ira%C3%A7%C3%A3o%20seu%20programa,a%20reconhecer%20a%20exist%C3%Aancia%20deste.>

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-a-proposta-de-acordo-nuclear-entre-ira-e-estados-unidos/>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2025-06/aiea-defende-solucao-negociada-entre-israel-e-ira>

<https://news.un.org/pt/story/2025/06/1849471>

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/analise-agencia-da-onu-e-a-fonte-mais-confiavel-no-conflito-israel-x-ira/>

<https://www.brasildefato.com.br/2025/06/17/russia-diz-que-israel-nao-quer-seguir-solucao-pacificacao-com-ira/>

<https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/americo-martins/internacional/entenda-por-que-eua-pode-intervir-no-conflito-entre-israel-e-ira/>

<https://www.youtube.com/watch?v=fEkYi2hrT8M>

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/russia-esta-pronta-para-mediacao-conflito-entre-israel-e-ira-diz-kremlin/>

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c1dedwv4r4no>

<https://www.youtube.com/watch?v=QHMDrJtAAAtI>

<https://www.youtube.com/watch?v=saA7qbtRH84>

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/ira-ameaca-atacar-eua-franca-e-reino-unido-se-impedirem-resposta-a-israel/>

<https://www.metropoles.com/mundo/reino-unido-envia-jatos-ao-oriente-medio-apos-ameaca-do-ira>

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2025/06/14/reino-unido-envia-cacacas-ao-oriente-medio-por-conflito-entre-israel-e-ira.htm>

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/macron-diz-que-ira-e-responsavel-por-desestabilizar-a-regiao/>

<https://www.rfi.fr/br/mundo/20250618-macron-pede-fim-imediato-de-bombardeios-israelenses-no-ir%C3%A3-e-prop%C3%B5e-mobiliza%C3%A7%C3%A3o-europeia-contr-a-guerra>

<https://exame.com/mundo/macron-confirma-que-franca-mobilizou-meios-militares-contr-ata-que-do-ira/>

<https://www.rfi.fr/pt/fran%C3%A7a/20250623-ir%C3%A3o-fran%C3%A7a-condena-ataques-israelitas-contr-pris%C3%A3o-iraniano-de-evin>

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/china-condena-israel-e-se-mostra-como-potencial-medidora-da-paz-com-ira/>

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/china-esta-preocupada-com-conflito-entre-israel-e-ira-diz-xi-jinping/>

<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/qual-sera-o-papel-de-russia-e-china-no-confronto-entre-israel-e-ira/>

<https://pt.euronews.com/2025/06/23/qual-a-posicao-de-israel-apos-os-ataques-contr-o-irao>

<https://exame.com/mundo/israel-declara-ira-como-principal-frente-de-guerra-e-diz-que-gaza-passou-a-ser-posicao-secundaria/>

<https://www.audible.com/blog/in-the-room-with-peter-bergen-transcript-episode-47>

<https://www.dw.com/pt-br/como-jord%C3%A2nia-e-ar%C3%A1bia-saudita-interv%C3%AAm-a-favor-de-israel-na-guerra/a-73007282>

<https://www.youtube.com/watch?v=kXO1qAao8lk>

<https://exame.com/mundo/arabia-saudita-paralisa-aproximacao-diplomatica-com-israel-e-se-volta-para-o-ira/>

<https://www.swissinfo.ch/por/ar%C3%A1bia-saudita-endurece-sua-posi%C3%A7%C3%A3o-com-israel-para-evitar-guerra-regional/87592701>

<https://mznews.co.mz/kagame-avisa-a-africa-do-sul-que-o-ruanda-esta-preparado-para-o-confronto-se-necessario/>

<https://www.dw.com/pt-002/porque-%C3%A9-que-a-%C3%A1frica-do-sul-critica-israel-de-forma-t%C3%A3o-dura/a-67616519>

<https://mznews.co.mz/decepcionada-com-trump-africa-do-sul-apela-ao-dialogo-para-por-fim-ao-conflito-entre-israel-e-o-irao/>

<http://cnnbrasil.com.br/internacional/india-expressa-profunda-preocupacao-sobre-escalada-regional-do-conflito/>

<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/como-a-india-se-tornou-aliada-de-israel-no-oriente-medio/>

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/06/20/de-que-lado-estao-as-grandes-potencias-e-o-brasil-no-conflito-entre-israel-e-ira.ghml>

<https://www.infomoney.com.br/politica/oposicao-critica-nota-do-governo-lula-sobre-guerra-entre-israel-e-ira/>

<https://www.cartacapital.com.br/mundo/os-possiveis-impactos-da-guerra-no-ira-para-o-brasil/>

<https://valor.globo.com/politica/noticia/2025/06/17/israel-x-ira-o-que-lula-falou-sobre-o-conflito-ate-agora.ghtml>

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c1dedwv4r4no>

<https://www.dw.com/pt-br/qual-a-posi%C3%A7%C3%A3o-do-brasil-no-conflito-entre-israel-e-ir%C3%A3/a-72954154>

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2025/06/17/qual-a-posicao-do-brasil-no-conflito-entre-israel-e-ira.htm>

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-por-que-ira-e-paquistao-estao-trocando-ataques-e-o-que-isso-tem-a-ver-com-o-oriente-medio/>

<https://www.sociedademilitar.com.br/2025/06/o-mundo-enlouqueceu-paquistao-ameaca-israel-apos-operacao-nuclear-rfbs.html>

<https://apublica.org/2025/06/guerra-israel-ira-quais-os-motivos-e-o-que-acontece/>

<https://relacoesexteriores.com.br/israel-e-iran-rivalidade-geopolitica-conflito/>

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4grppmoggzvo>

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c98y55nlx9lo>

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cmljv4dmmm8o>

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/israel-quer-manter-tropas-no-libano-apos-fim-do-prazo-de-retirada/>

<https://www.correiodamanhacanada.com/coreia-do-norte-noticia-conflito-entre-israel-e-irao-sem-mencionar-posicao/>

<https://www.cartacapital.com.br/mundo/coreia-do-norte-chama-ofensiva-de-israel-contr-o-ira-de-ato-ilegal-e-crime-contr-a-humanidade/>

<https://observador.pt/2025/06/23/coreia-do-norte-noticia-conflito-entre-israel-e-irao-sem-mencionar-posicao/>

<https://www.monitordooriente.com/20250621-apos-o-ataque-de-israel-ao-ira-a-turquia-investe-na-propria-capacidade-de-defesa/>

<https://www.dw.com/pt-002/turquia-acusa-israel-de-arrastar-regi%C3%A3o-para-um-desastre-total/a-72995834>

https://www.youtube.com/watch?v=A12arl_aOYg

<https://revistaforum.com.br/global/ira/2025/6/13/israel-ir-arabia-saudita-turquia-potncias-rivais-de-teer-condenam-ofensiva-israelense-181412.html>

<https://www.dw.com/pt-br/israel-faz-trabalho-sujo-no-ir%C3%A3-por-n%C3%B3s-diz-chanceler-alem%C3%A3o/a-72955873>

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2025/06/18/merz-e-criticado-na-alemanha-por-fala-sobre-servico-sujo-de-israel.htm>

<https://cbn.globo.com/mundo/noticia/2025/06/17/chanceler-alemao-diz-que-israel-esta-fazendo-o-trabalho-sujo-por-todos-nos-contr-o-ira.ghtml>

<https://www.rfi.fr/br/europa/20250604-alemanha-reafirma-pol%C3%AAmico-apoio-militar-a-israel-em-meio-a-cr%C3%ADticas-internas-e-internacionais>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2023-11/bolivia-rompe-relacoes-diplomaticas-com-israel>

<http://poder360.com.br/internacional/apos-ataques-do-ira-argentina-reforca-apoio-a-israel/>

<https://www.rfi.fr/br/podcasts/linha-direta/20231103-argentina-condena-ataques-de-israel-em-gaza-e-posi%C3%A7%C3%A3o-pode-ter-impacto-em-elei%C3%A7%C3%A3o-presidencial>

<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/fatah.htm>

<https://www.aosfatos.org/noticias/hamas-fatah-e-anp-entenda-a-divisao-politica-da-palestina-atual/>

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/10/10/hamas-fatah-jihad-islamica-e-hezbollah-veja-quais-sao-os-principais-grupos-islamicos-no-orient-medio.ghtml>

<https://www.metropoles.com/mundo/fatah-hamas-hezbollah-conheca-grupos-atuantes-no-orient-medio>

15. FONTES RECOMENDADAS PARA ESTUDO

A mesa fortemente encoraja que os delegados expandam os seus conhecimentos, por isso criamos essa parte do guia para recomendar portais, jornais, vídeos ou artigos, para os senhores estudarem o conflito. A mesa sugere que os senhores utilizem fontes como:

1. Google Acadêmico
2. Yandex (google russo)
3. Baidu (google chinês)
4. DuckDuckGo
5. Z library
6. Sci hub
7. Site da ONU
8. Site do G20
9. Site dos BRICS

10. CIA world factbook
11. Site de inteligência da sua delegação
12. BBC news
13. CNN
14. The guardian
15. Jornal do país da sua delegação
16. Wikileaks
17. Refworld
18. Youtube

Todas as fontes, são em sua maioria de confiança, entretanto é necessário se atentar a fontes como o YouTube. Pois podem muitas vezes conter notícias ou informações falsas, que no caso de uma questão de requerimento de fonte, durante o debate, não passará, tornando assim a informação inútil e comprometendo, muitas vezes, sua retórica. Outras fontes, como os jornais de seus designados países, podem conter informações enviesadas que poderão ser questionadas, durante o debate, por outras delegações.